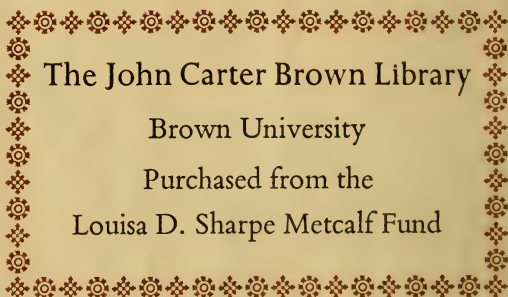


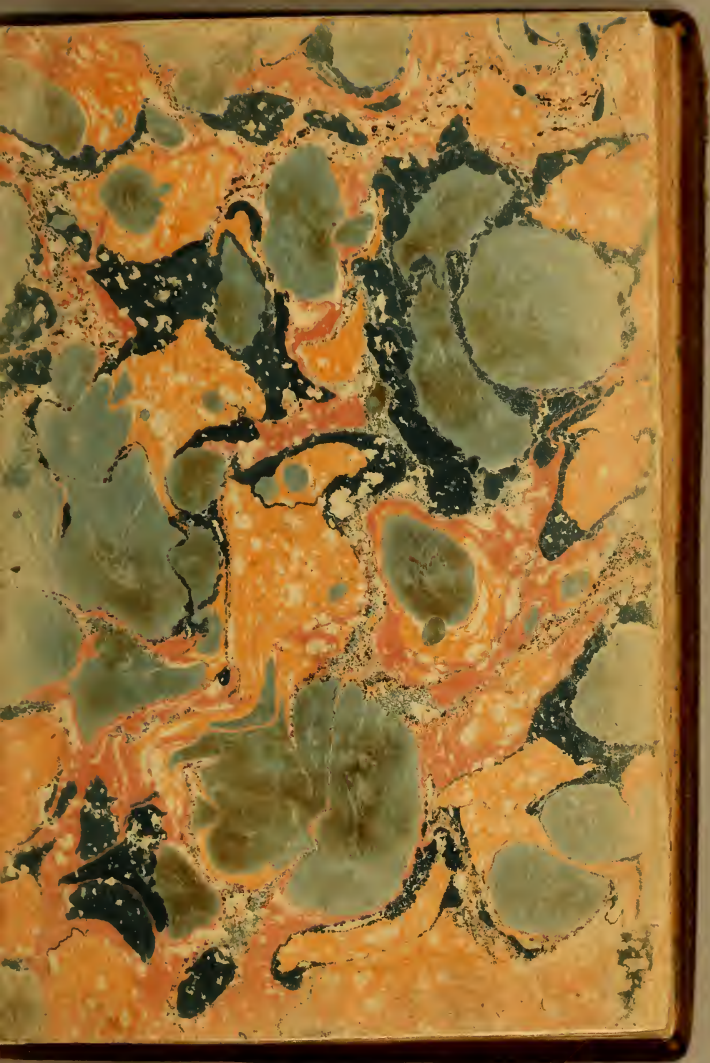




John Carter Brown
Library
Brown University



The John Carter Brown Library
Brown University
Purchased from the
Louisa D. Sharpe Metcalf Fund

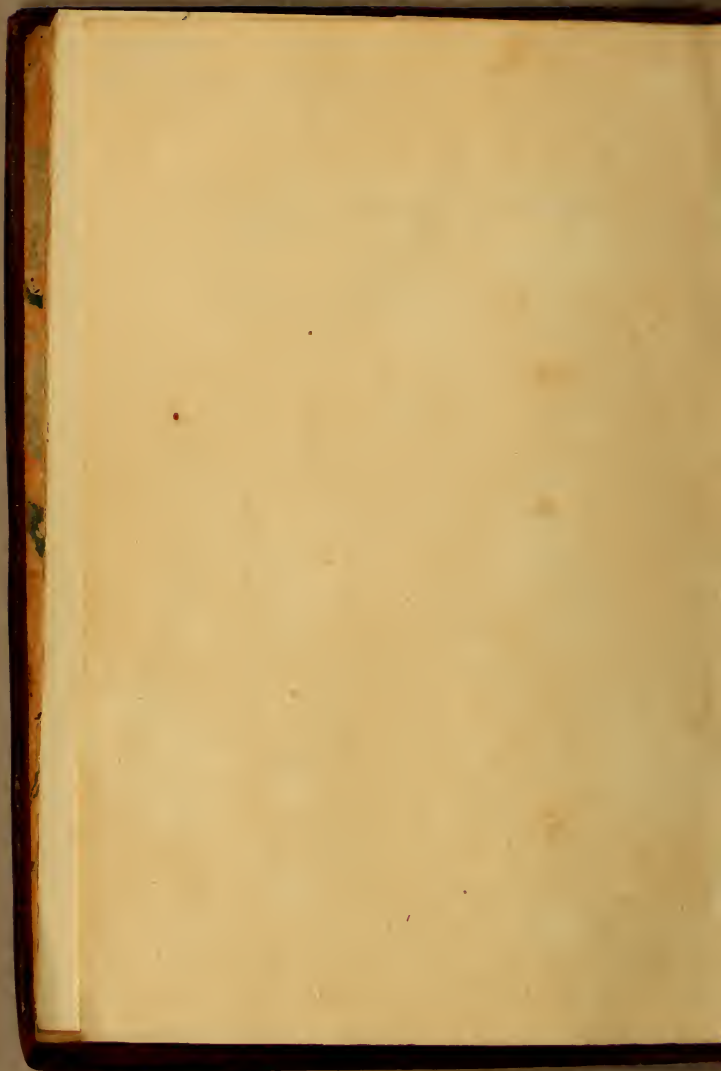


105

Ed.

Very few Copies Known

X5607



C A R T A
D E
M A R E A R
D E L I N E A D A

do R. P. Mestre Fr. Antonio do Rosario;
filho da Capucha de Santo Antonio do
Brasil, & Missionario no dito
Estado, &c.

DIRIGIDA AO SENHOR.

J. FRANCISCO DE SOUSA

alago da Casa de Sua Magestade, Cavalley,
ro professo, & Commendador da Ordem
de Christo, & Coronel da Cavallaria
de Pernambuco.

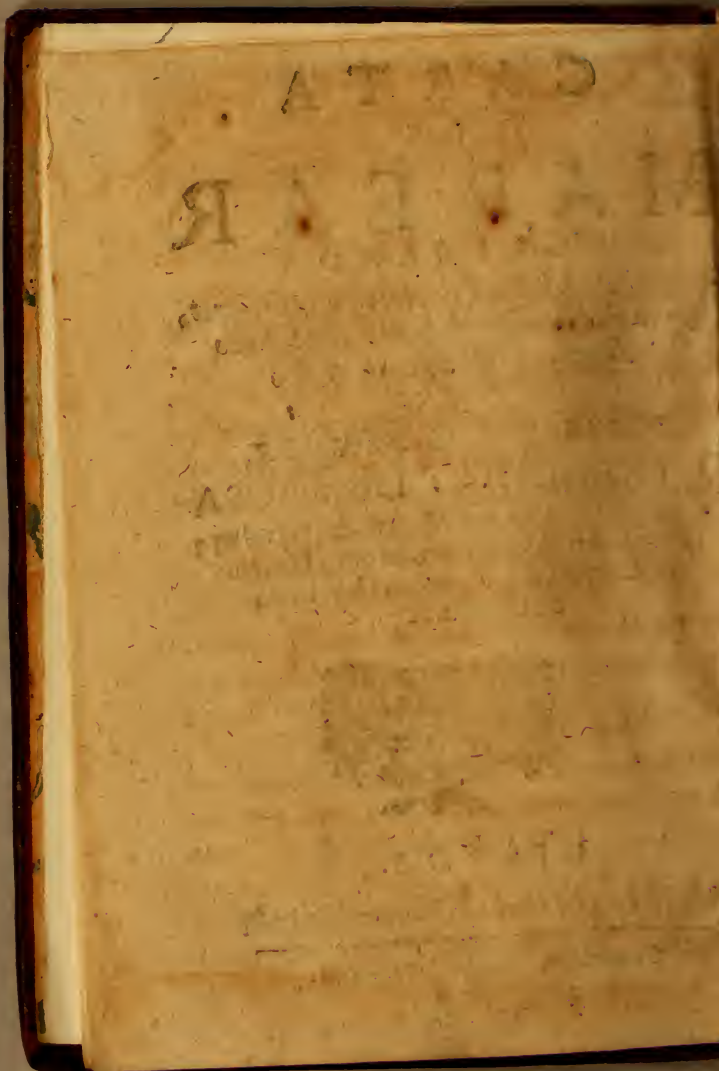


L I S B O A

Na Officina de Antonio Pedrozo Galrao

Com todas as licenças necessarias.

Anno de 1698.



S E N H O R.

ESTA Carta de Marear tem demarcado o esclarecido nome de V. M. pelo melhor roteyro da sua direcção. Se a nobreza para com os homens he preta de summo respeyto; onde melhor se podiam fundar as linhas desta Carta, os seus felices auspicios, do que na Illustrissima linha dos Sousa's, ou Sousa's de Portugal, de q̃ V. M. e garfo, ou ramo bem conhecido? E mais quando esta nobreza não só pela purpura de procede, mas pelas proprias acçoens dedica em controversia à benemerita pessoa de V. M. o titulo de Principe, com a veneraçam e pio, E respeyto de heroico; sendo a menor prova deste Panegyrico a contenda da graça com a natureza nos augmentos da fortuna. A estampa desta Carta, por ser hum publico beneficio, será perpetua estatua. E eterno

Obeliscô, em que a posteridade advertirá ser
V. M. o primeyro filho do Brasil, q̃ com o novo
meçonado desta obra, soube V. M. immorta-
lizar o nome, acreditar os ascendentes, dando
exemplos tão singlares ao Senhor D. Joam
de Sousa, dignissima flor do melhor prado
da Europa. O Autor da Carta, pela porta
q̃ por esta se lhe abre fica obrigado a buscar a
misma casa com avençados escritos, por
muytos, & felices annos, que Deos guarde a
vossa mercê Do Convento de Santo Antonio
de Pojuca 9. de Fevreyro de 1697.

Fr. Antonio do Rosario.

LEY

LEYTOR.



O BORRAÕ desta Carta
foy parto da missaõ que
fiz algum tempo por
estas Capitancias de Per-
nambuco: a devoçaõ de muytos, &
experimental proveytamêto das al-
mas me persegue ainda hoje pela
Carta de Marear: mas vendoa eu tão
mareada, disforme, & viciada pela
variedade, & ignorancia das penas,
me resolvi no retiro de Pojuca, a res-
taurar, & acrescentar a dita Carta,
com tençaõ que pela estampa mais
bem acondicionada, se podesse espa-
har pelos mais pobres, & remonta-
dos destes Paizes; & se fosse possível
com pouco custo, & de graça, che-
gasse esta cartinha, ou cartilha da O-

ração Mental, aos que não sabem,
nem podem alcãçar outros mayores
volumes que ha sobre materia tam
necessaria para a salvaçam ; para o
mesmo fim ajuntey à Carta de Ma-
rear o Astrolabio de hũa caveyra, &
a balestilha de hum Christão arre-
pendido no canto de hum mazo-
mouro, por nome o Sabeà da pra-
ya ; em fim só digo, que com ser a
Carta de importancia pelos conhe-
cimentos que leva não tem de porte
mais que a Gloria de Deos, & pro-
veyto das almas.

Vale.

L I C E N Ç A S.

Vistas as informações, pôde-se imprimir o livro de que esta petição trata, & depois de impresso tornará para se lhe dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa 18. de Março de 1698.

*Castro. Foyos. Dimiz. Meniz.
Fr. Gonçalo do Crato.*

Vistas as informações, pôde-se imprimir o livro de que esta petição trata, & depois de impresso tornará para se lhe dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 23. de Abril de 1698.

Fr. Pedro Bispo de Bona.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario; & depois de impresso tornará a esta para se conferir, & taxar, & sem isso não correrá. Lisboa 29. de Abril de 1698.

Archão.

Ribeyro.

Oliveyra.



L I C E N C, A S.

Visto estar conforme, pôde
correr. Lisboa 19. de Agosto
de 1698.

Foyos. Diniz. Moniz.
Fr. Gonçalo do Crato.

Visto estar conforme, pôde
correr. Lisboa 25. de Agosto
de 1698.

Fr. Pedro Bispo de Bona.

TAxaõ este livro em hum to-
tão em papel. Lisboa 26. de
Agosto de 1698.

Marchaõ. Ribeyro. Oliveyra.



C A R T A DE MAREAR,

PARA OS ULTRAMARINOS DO
novo mundo do Brasil.

Principiantes da Oração Mental.

Facta est quasi navis institoris. *Prov. 31.*



NAO de que falla Sala-
mão, he hũa alma Chris-
tãa posta no mar deste
mũdo com toda a nauti-
a preparaçam; fabricasse no ventre

A

ma

materno, como em ribeyra das náos; lança-se ao mar, quando nasce, benze-se, quando se baptiza; o casco, he o corpo, os tres mastros, Fé, Esperança, & Charidade; as enxarcias da não, sam os actos das Virtudes Theologaes; as outras cordas varios affectos d'alma; o leme a razão a agulha a vontade, o farol a consciencia, apraça de armas o coração, a artilharia confissam, a bomba contriçaõ, matalotagem communhaõ, carga boas obras, o batel a esmola, que as cartas vão na memoria; bandeyras, pavezes, famulas, & galhardetes, alegrias, & consolaçoens espirituaes; o Senhor, & Capitão da não he o Creador, & Senhor do mundo, os mandadores, & officiaes sam os sentidos, os olhos o Piloto, & sotapiloto,

DE MAREAR.

3

loto, os ouvidos, Mestre, & contra-
mestre, a lingua, o Escrivão, o tac-
to, o Cirurgiaõ, o gôsto, o Cozinhei-
ro, o alfato, o Calafate, o sentido
commum, o Dispenseyro, a voz, he
a trombeta, o Condestavel, o fer-
vor, a botica, a devoçam, os pensa-
mentos, passageyros, as palavras, pa-
gens, & gurumetes, as obras, mari-
nheyros, o mar, he o mundo, os ven-
tos, as inspiraçoens, as tempestades,
tentadoens, piratas, & cossarios, ini-
migos d'alma, os bayxos, vicios, os
naufragios, peccados, a barra, he a
graça, o porto a gloria, as ancoras a
eternidade.

Esta não não pôde navegar sem
carta de marear, porque nam pôde
livrar dos bayxos da terra, & buscar
a altura do Ceo sem a elevaçam do

espírito a Deos, que he a Oraçam Mental; sem esta oraçam, dizia hum eminente Piloto da vida espiri-
tual, he impossivel viver hum ho-
mem vida Christãa: & nam se bus-
que outra causa da perdição de tan-
tas almas, senam a falta da oraçam:
como na Oraçam Mental se me-
dem, & contaõ os annos, que já
por nòs passáram, & não haõ de tor-
nar, como na oraçam se vê, o que te-
mos descahido do Ceo, & encosta-
do ao inferno; como a oraçam faz
gafar dos bayxos do peccado, & das
Sereas das occasioens, & com enfa-
tica metafora, a Oraçam Mental he
carta de marear para os que nave-
gaõ pelo perigoso mar deste mun-
do. Baste por exemplo obaxel real
de David, que por falta desta carta
navi-

DE MAREAR.

naufragou miseravelmente, mas tanto que cartou, orando livrouse dos naufragios d'alma, achou o porto da salvação.

Supposta a necessidade da Oração Mental, desenrolamos a carta de marear; tem duas linhas, a primeyra corre de Norte a Sul, com cinco, ou seis pōtos, muyto celebres nesta carreira, Conhecimento Proprio, Pecados, Morte, Juizo, Inferno Gloriosa; por esta linha vay correndo a costa brava do Inferno; convem a vista de longe, com o oculo da meditação, quem a corre meditando, nam dà à costa nella morrendo; tambem se busca a enseada da Gloria, que muyto de longe apparece; cuberta de nevoas, porque nam se vê cá do mar do mundo senão por enig-

5 Salva
me ex
ore le
onis.

Pf. 21.
22.

Domini

ne e
duxif
te ab

inferno
animã

xeamã
Salva

sti me
à des
cendẽ

tibus
in lo

en. Pf.
29.4.

Vide
mus.

nane
per spe

culum
in ag

nimate
1. Cor.

mas, 15.12.

mas ; para a parte do Leste estam as Ilhas dos beneficios divinos , con- vem tomar estas Ilhas , para abrigo , & refresco das nãos.

Corre segunda linha , do Sul para o Norte , pelo mar vermelho da Pay- xão de Christo ; tem sete rumos , he navegação muy frequentada , & de grande comercio espirital ; o pri- meyro rumo he do Horto de Getse- mani , o segundo da Columna , o ter- ceyro do Ecce Homo , o quarto da Cruz às costas , o quinto de Christo crucificado , o sexto de Christo mor- to nos braços da Senhora , o setimo da Resurreyção de Christo.

As monções da oraçam , fã de manhã , & de tarde , de noyte , ou de madrugada ; pôde durar a monção hũa hora de cada vez : o modo de ve-
lejar,

DE MAREAR. 7

ejar , a postura , ou figura corporal, seja a de mayor reverencia , que he de joelhos ; tambem se navega em pè , à orça , ou a huma larga postado que com o vento em popa assistado, ou deytado só aos enfermos se permite.

Nestas navegaçoens tambem hà calmarias , que os praticos da orçam chamão trevoas , securas , tristezas , & nòs pela carta de marear enjo-os : navegar com bom tempo he regalo , & com mào tempo grande trabalho , porque nas calmarias , & faltas de viraçam , a puro remo , à força de braços se navega : ter oração , quando corre o vento Galerno do Espirito Santo , he suave cousa , he rica vida, mas se falta, como muitas vezes falta , a fresca viraçam do

Ceo, então he que sam os enjo-os, os fastios, os enfados, principalmente nos que entram a primeyra vez nestes mares, o remedio melhor he remar, forcejar para Deos, bater nas portas da Divina Misericordia, que ellas se abriràm, quando for mais conveniente. Tres inimigos tem os nossos navegantes, mar, fogo, coffario. Mar he a importuna variedade de pensamentos, que faz andar o juizo como mar banzeyro, & he a causa dos enjo-os, que muytos padecem na oraçam. O fogo he aquella desenguietaçam, afflicçam, & aperto de coraçam, que causa o Demonio nos que oram, para o fazer desistir da oraçaõ, & temerem muito o embarcaremse pela Oraçam Mental. O coffario pichilingue, & pira-

DE MAREAR. 9

a muy celebre he o fomno, convem
muyto saberlhe a causa, & por-lhe
remedio. Contra todos estes inimi-
os ordena o Divino General
Christo no seu Evangelho que sem-
pre se ore sem desfalecimento; por-
que quem persevera até o fim, che-
gará a salvamento.

Ultimamente a carta de marear
em cinco partes, que todos dam à
Oração Mental, preparação, lição,
meditação, acção de graças, peti-
ção. Preparação, he remota, & pro-
xima: a remota he andar entre dia
com o coração recolhido: proxima
e, quando nos pomos em oração,
enzendonos, fazendo actos de Fé,
e contrição de Fé, crendo que es-
tamos deos presente; de contrição,
preve, & fervente. Lição, he ler
hũa

*Oportet
sem-
per o-
rare,
& nūc
quam
desice-
re. Luc
18.4.*

*Qui
autem
perse-
vera-
verit
usque
infine,
hic sal-
vus er-
it. Mat.
10.22.*

hũa das seguintes meditações. Meditação he hir discorrendo cada humo como souber, & puder sobre o ponto preparado. Acção de graças, he agradecer a Deos todos os beneficios geraes, & particulares, & os que se inferem da meditação do dia em que se ora. Petição he, pedir à Divina Magestade o que lhe for mais agradavel, & à nossa salvação mais conveniente.



DE MAREAR. II

PRIMEYRA LINHA
DA CARTA
DE MAREAR.
SEGUNDA FEYRA.

MEDITAC,AM

Do conhecimento proprio.



Consideremos hoje o que
somos por natureza, & a-
charemos, que nada so-
mos, porque do abismo
nada nos tirou a Divina, Omni-
potencia, para nos fazer creaturas
existentes, & capazes da sua gloria:
repa-

reparemos, que não fez Deos este
nosso corpo, de hum pedaço dessas
esferas celestes, & incorruptiveis
Ceos, ou de outra materia forte,
& perduravel, senão de hum pouco
de lodo; para que dando a pedra da
nossa consideraçam nos pès de barro
do nosso corpo, se abatão as rodas
da presumpçam, & louca fantezia.
Es pò, & em pò te hás de tornar
disse Deos, ao primeyro homem, pa-
ra lhe curar aquella tam atrevida
 vaidade de querer ser como Deos,
sendo hum pouco de barro: entre-
mos bèm pela nossa terra dentro, &
tudo havemos de achar, que he terra
& mª terra, com muytas miserias
pensoens, & tributos, mil achaques
no corpo, innumeraveis enfermi-
dades na alma; & com sermo

tão

DE MAREAR. 13

lo vis, & miseraveis, ainda somos
ãos, & soberbos? De que te enso-
berbeces, pò, & cinza? Pergunte ca-
a hum a si mesmo. Desta confide-
ação havemos de tirar o curarmo-
os com os pòs da terra, q' somos, &
m que nos havemos de tornar, an-
es que nos dem os herpes da sober-
a: humilhemonos diante da Divina
Majestade, reconhecendo o nada
ue somos, & o muyto que pecca-
mos; porque Deos resiste aos sober-
os, & dá sua graça aos humildes.

TERC, A FEYRA.

MEDITAÇAM

Dos Peccados.

DE dous modos se pòde confi-
derar a graveza do peccado
mor-

mortal, contra Deos, & cõtra o peccador. Peccar, he levantar a mão contra Deos ; he nam querer que haja Deos ; he querer matar a Deos ; he tornar a crucificar o Filho de Deos ; tanto offende a Deos o peccado, que teve Deos por bem morrer seu Filho, por destruir o nosso peccado. Dos castigos, que a Divina Justiça fez nos Anjos, que peccâão, em os homens que o offendêram ; & há de fazer até o fim do mundo, que por peccados há de acabar, julguemos o que he offender a Divina Magestade. O segundo ponto he, considerar as infinitas perdas, & danos, que causam os peccados, nós que os commetterem ; o peccar, nam he menos perda, que perder a Deos, o peccar he despojar-se o

pecca-

DE MAREAR. 15

peccador de todas as graças, honras,
privilegios, & dons do Espírito San-
to; he ser inimigo de Deos declara-
do, escravo do demonio, & pela pre-
sente justiça condemnado ao inferno;
e ainda he mais, porque he ser o mes-
mo demonio. Hum de vòs he o dia-
bò, disse Christo a seus Discipulos;
entendendo por Judas, que estava
em peccado mortal; o que supposto,
consideremos bem contra quem pec-
camos, & em que peccamos, & de
que maneyra peccamos; & arren-
didos de todos os peccados, peçamos
de Deos, que por sua infinita piedade,
e misericordia tenha por bem per-
doarnos, & restituirmos à sua graça,
e amizade, para nunca mais o offen-
demos.

QUAR-

QUARTA FEYRA.

M E D I T A C, A M

Da Morte.

TRes pontostem a morte muy-
to consideraveis, o ser certa, in-
certa, & hũa só vez; certa, como se
vê; incerta, no quando virà certis-
sima em vir huma só vez; he certo
que há de vir hum dia, em que não
hás de chegar à noyte, & há de vir
huma noyte, em que não há de che-
gar ao outro dia, isto bem o sabes,
mas porque esquece se te lembra,
& para que te aproveyte, te digo
o consideres, & com ser tam certa a
hora da morte não só por fé, mas
por

or evidencia , he tão incerta a vin-
 da da morte , como vemos que leva
 muytos de repente sem confissam;
 em preparaçam alguma ; & se nam
 abes, peccador, o dia, nem a hora da
 tua morte ; em que te fias ? em que
 aydas , descuydádote do que te im-
 porta mais que tudo quanto ha no
 mundo ? A mais horriuel condicam
 da morte he ser unica , he morrerse
 uma só vez , he não se poder tornar
 ao mundo , a remediar o que faltou
 na vida. Pasma, mortal, da cegueyra
 do teu juizo ; vendo como andas en-
 golfado nos enganos do mundo, ton-
 to , & cego das suas vaidades , & lo-
 curas , & muyto mais do amor pro-
 prio , como se a morte fosse fabu-
 la , & o Inferno mentira ; se he que
 desejas morrer bem , trata de viver

B

como

como quem hade morrer, porque tal
serà a morte, qual for a vida,

QUINTA FEYRA.

M E D I T A Ç A M

Do Juizo.

ENtremos em Juizo, ponhamo-
nos no Tribunal Divino, onde
depois da morte forçosamente nos
havemos de achar: & de quantas an-
gustias se verá o peccador cercado?
então dirá com o Profeta Rey: Cer-
cado me tem os gemidos da morte,
& as dores do Inferno me rodearã:
por ser o Tribunal rigorosissimo, &
rectissimo. Nam só das más obras
havemos de dar conta, mas tambem
das

das boas obras ; com que tençaim , &
de que maneyra as fizemos ; nem só-
mente , o que cuydamos , fazemos , &
fallamos ; se ha de examinar , mas
tambem o que deyxamos de fazer ,
quando eramos obrigados ; não ha
de haver palavra ociosa , nem pensa-
mento vão de que se não peça con-
ta. Se toda a Escriptura clama ,
que Deos ha de dar a cada hum o
premio , ou castigo conforme as suas
obras ; que contas faz logo , quem
desta conta se não lembra ? Que jui-
zo têm , quem não teme este Juizo ?
Se isto ha de passar por nós , porque
nos nam prevenimos , & preparamos
para aquelle tremendo transe ? A-
bramos com tempo os livros da cõ-
sciencia , o livro do deve , & ha de
haver ; os peccados , que temos com-

mettido, & as satisfaçoens, que temos, ou nam temos dado; antes que venha a morte, antes que nos vejamos em juizo, tratemos de pagar com tempo as dividas dos peccados, confessando-os verdadeyramente, & chorando-os amargamente, se queremos que faya a sentença por nós.

SESTA FEYRA.

M E D I T A C, A M

Do Inferno.

DEçamos ao Inferno vivos por consideraçam, para que nam deçamos depois de mortos por condemnaçam. As penas do Inferno são de
dous

DE MAREAR. 21

lous generos ; de sentidos, & de da-
no: pena de sentido, he padecer em
todos os sentidos exteriores, & in-
teriores; pena de dano, he carecer da
vista de Deos por huma eternidade,
q he a chave de todas as penas infer-
naes: o fogo que pertence ás penas
do sentido, he de tal qualidade, que
atormenta corpos, & almas, atormê-
ta, mas não consome: & como es tra-
nharão estas camas, os que costu-
maõ dormir em camas brandas, &
regaladas ! Como estranharam os
colchoens do fogo eterno com lan-
goes de frio intoleravel, & com as
colchas, & cobertores da eternida-
de, com o cortinado da privaçam da
vista de Deos ! Nestas abrazadas, ou
abrazadoras chãmas se pagaõ os de-
leytes de torpe, & escandosa vida:

os olhos não só tem o tormento do fogo, mas também horriveis, & espantosas visões dos Demonios: os narizes, fedores mayores que os de cadaveres: os ouvidos, trombetas de fogo, & blasfemias horrendas: o gosto, fome canina: a imaginação he gravissimamente atormentada com a apprehensão das penas presentes, & lembrança dos gostos passados: sobre estes tormentos gêraes, ha outros particulares, para os que eraõ mais inclinados a este, ou àquelle vicio, em que nunca se emendaraõ. De todas estas penas tiraremos por fruto o fugir das culpas que levão ao Inferno, o qual se nam fez para brutos, senão para peccadores.

DE MAREAR. 23

S A B B A D O.

M E D I T A C, A M

Da Gloria.

O Soldado deyx a patria, amigos, pay, & mãy, & o que tinha na affeyção, sojeytar-se a terras estranhas, arrisca a vida em batalhas perigosas, atè ficar morto, por hum fraco estipendio, & caduca gloria do mundo: nós que (como diz Job) todos militamos nesta vida; porque não faremos muyto mais pelo premio do Ceo, & pela gloria eterna? para nos animarmos a merecela, consideremos as suas excellencias, a pagar, o gozo, a companhia, a visam

de Deos, a gloria dos corpos, a duram de todos esses bens. Se a Rainha Sabã chamou bemaventurados aos que assistiaõ no palacio de Salamaõ: que gloria teram os bemaventurados do Ceo, vendo a gloria não só de Deos, mas da Rainha dos Anjos, & a sua mesma gloria, com os quatro dotes de futilidade, ligeyreza, impassibilidade, & claridade? então se darão por bẽ empregados os trabalhos desta vida; porque se veram os servigos bem apremiados, & os desejos satisfeytos; a Fé; Esperança, & Charidade bem galardoados. Tiremos desta meditação, o soportar cõ paciencia & gosto as penalidades desta vida, para gozarmos de tantos bens; para isso nos he necessario perder o amor aos falsos, & caducos haveres do

DE MAREAR. 25

o mundo, & rematando com Da-
vid, diremos: Huma só cousa pedi ao
Senhor, & esta buscarei sempre, que
more eu na casa do Senhor todos os
dias da minha vida, que são os dias da
ternidade do Ceo.

D O M I N G O.

M E D I T A C, A M

Dos beneficios Divinos.

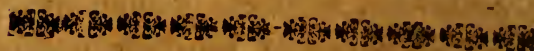
QUatro considerações tem esta
meditação; quaes são os be-
neficios; quem os faz; o modo com
que os faz; & quem os recebe. Dis-
corramos pelos beneficios gêraes,
que da summa bondade temos re-
cebido, pelos particulares, & ou-
tros

tros muytos occultos, que não sabemos, entendamos, que tanta conta se nos ha de pedir dos beneficios, como dos peccados. O bemfeytor he Deos Rey dos Reys, Senhor dos Senhores: se o que dá hum Rey, por pouco que seja, se estima em muyto? que estimaçam, devemos fazer do muyto, que nos tem dado o supremo Rey do Ceo? O modo como Deos faz os beneficios he digno de admiravel ponderaçam, porque he com hum amor finissimo, perpetuo, & constante, com que nos està continuamente enchendo de beneficios. Se considerarmos na mà correspondencia dos sojeytos, que recebem os divinos beneficios, pasmaremos das nossas ingraticadoens. Tiremos dos quatro pontos hum só ponto, nam dar,

rmos offensas por beneficios; nam
rmos ingratos, porque a ingrati-
o seça o rio das misericordias, &
dos os que vão ao Inferno, he pe-
crime de ingratos; & para o não
rmos, lembremonos do que disse
oseph filho de Jacob, a quem o so-
citava a peccar: que nam podia
er traidor a quem tanto tinha fiado
elle.



SEGUNDA LINHA
D A C A R T A
DE MAREAR



SEGUNDA FEYRA.
M E D I T A C, A M
Do Horto de Getsemani.



Ntremos agora pelo mar
alto da Payxaõ de Chri-
sto, segundo o rumo do
Horto de Getsemani, a-
charemos nelle em oraçam ao bom
Jesu, para nos ensinar, q' sempre, mas
muyto mais nas tormentas do mar
deste

DE MAREAR. 29

este mundo, havemos de recorrer á
 raçam, por ser o unico remédio, &
 porto salvo de todos os trabalhos
 esta vida. Christo orando teve tris-
 tezas fastios, desemparos para dar ex-
 mplo aos que oraõ, para, os animar
 a vencer as tentações do inimigo, a
 perseverar, & conformar com a Di-
 vina vontade; contemplemos na-
 quelle mortal accidente que teve o
 affligidissimo Jesu orando, suando
 sangue, & agonizando antes de aqou-
 tado, & crucificado, só com a imagi-
 naçam vehementissima dos tormen-
 tos causados das nossas culpas; se te-
 mos fé, razaõ, & amor, como deve-
 mos ter, resolvamos a servir, & a-
 mar a todo o custo a quem morreo
 por nos salvar.

TER-

TERC, A FEYRA.

M E D I T A C, A M

Da Columna.

P Onhamos hoje , a proa da meditação na Columna , em que esteve nũ, & amarrado, o que veste os Ceos , a terra , arvores , animaes, & homens: que pejo, que confusão padeceria o innocentissimo Senhor, vendo-se despido à vista dos mais profanos olhos? E se Christo sofre com tão admiravel paciencia o ser açoutado como escravo , & lãdraõ : como ha Christão, que se peje de fazer actos de Christão , que deyxar de guardar a ley de Deos , por
guar

DE MAREAR. 31

ardar as leys do mundo? Se co-
o Christaõs queremos imitar a
hristo, derrubemos o Idolo: Que
rão: porque nos havemos de en-
rgonhar de fazer, de sofrer por a-
or de Deos, o que elle se nam pe-
u de fazer, & sofrer por nosso a-
or? Mas a quem não cortará o co-
çam, ver a Christo ir arrastando-se
elo mar de sangue que estava ao pé
a Columna, a buscar o seu vestido?
h alma minha, pega dessa sagrada
unica, que de a tocar farou muyta
ente, & com a humildade, & de-
oção, que puderes, offerece-a em
pírito a teu Senhor, pedindolhe
e vista da sua graça, & pelas purissi-
nas mãos, que a Senhora poz nella,
uando a fez, te perdoe os teus pec-
ados.

QUAR-

QUARTA FEYRA.

M E D I T A C , A M

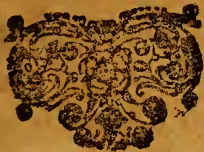
Do Ecce Homo.

NO rumo do *Ecce Homo* havia-
mos deter os corações de ce-
ra , para nelles se imprimir a lasti-
mosa imagem de Christo com as
mãos atadas , & nellas huma cana
por cetro , & nos hombros hum pe-
daço de purpura velha , na cabeça
huma coroa de espinhos , feyto hum
Rey de escarneo o Rey dos Reys , &
Senhor dos Senhores. *Ecce Homo,*
Eis-aqui o homem , que buscou a
Deos em tantos annos para media-
neyro , & Redemptor dos homens.

Ecce

DE MAREAR. 33

Ecce Homo, Eis aqui o homem, que
 ndo a figura sustancial do Padre
 terno, està feyto hũa Ave de pe-
 as, hũa pasta de sangue. *Ecce Homo*,
 is aqui o homem, que quem o ti-
 er por si, nam dirá que não tem ho-
 em ; antes poderá afirmar que
 m mais que homem. Tiremos da
 editação do *Ecce Homo*, o não nos
 esculpamos com o enfermo da pis-
 na : *Hominem non habeo* ; porque
 o divinissimo *Ecce Homo*, temos o
 osso homem, & o nosso Deos, que
 adeceo como homem, para nos sal-
 ar como Deos.



C

QUIN-

QUINTA FEYRA

MEDITAC, AM

Da Cruz às costas.

COm a Cruz às costas vay o nobre
so General Jesu furcando mares
de sangue com tão grande tormenta,
que leva o bordo debayxo d'agoa;
digo, debayxo do sangue, e corre
do seu sagrado corpo; cheguemos,
como náos que somos da sua armada,
& amodo marítimo lhe demos
boa viagem: Oh, oh da náos
como vay o Senhor General? Muyto
bem, respondem da Capitania
muyto bem, para servir, para padecer,
para salvara todo o genero hu
man

mano; não vai dentro da arca como
loè, mas com a Arca às costas, para
salvar os peccadores do diluvio de
seus peccados, vay como Isaac com a
penha às costas, para nella ser sacrifi-
cado por nossos peccados; vai com a
chave de David sobre o hombro, pa-
ra nos abrir com sua propria mão a
porta do Ceo; aqui se despare toda a
artelharia dos nossos affectos, toda a
contrigam d'alma, todo o fervor do
espírito, & seguindo a esteira da Ca-
ritania com a não da Cruz em que
vivemos, vamos fazendo nossa via-
gem, vamos seguindo o farol de Chri-
sto, até entrarmos pella barra do
Ceo.

SESTA FEYRA.

M E D I T A C, A M

De Christo Crucificado.

SUbamos hoje com a alma do
Cantares ao monte de myrrha
ao monte Calvario, onde està o ra
milhete do peyto posto numa Cruz
contemplemos naquella Rosa de
Jerichò, toda aberta em chagas
cercado, de espinhos; ponhamos o
olhos d'alma na serpente exaltada
para remedio dos feridos da ser
pente infernal; vejamos crucifica
do na não, o que a levou às costas
& vamos vendo da cabeça até o
pès as barbaridades, que fizeram o
nos

DE MAREAR. 37

ossos peccados ; os pés , & as mãos
regados com cravos grossos , & es-
tuados ; as feridas tão abertas , &
afgadas com o pezo , & solabanco,
a Cruz ; a almofada da cabeça com
umaço de penas , a fronha de es-
tinhos , os rios de sangue que cor-
rem das fontes do Salvador ; quem
em que lavar , chegue a lavar-se na-
quella derretida purpura , & liquido
soral ; digamos ao Pastor , que está
crucificado no seu cajado , que nós
somos as ovelhas perdidas , que elle
busca , que como bom Pastor nos re-
ceba no seu rebanho ; & nam duvide-
mos , de que nos receba ; & porque
quem dê a vida por peccadores , não
quer a morte do peccador.

S A B B A D O.

M E D I T A Ç A M

*De Christo morto nos braços
de sua Mãy.*

H Oje que he Sabbado, dia da
Virgem; temos o Sol posto
nos braços da Aurora, a Christo
Sol de Justiça, morto nos braços
da Divina Aurora sua Mãy, faça
mos por sentir dentro de nossos co
rações, o que senão pòde com pa
lavras explicar, nem com o Juizo al
cançar; consideremos naquella mis
tura do sangue do Filho com as la
grimas da Mãy: que dor teria a Se
nhora vendo mais de perto os mar
ty-

yrios, que padecco seu Filho no al-
o da Cruz? Então devia pagar
a natureza as usuras de ter parido
em dores; porque então se cumprio
a profecia da espada de Simeão: mas
que espada foy, a que profetizou o
Santo Simeam? Que espada, a que
trespassou o Filho, & a Mãy, se nam
o nosso peccado? que quem offen-
de o Filho, tembem offende a Mãy;
mas he de tanta misericordia a Mãy,
que com a morte do Filho nos ne-
gocea o perdão: sirvamos pois, & a-
memos a Mãy, & o Filho; porque
ambos nos amão a matar, a ambos
devemos a vida, & a salvação.

D O M I N G O.

M E D I T A C, A M

De Christo Resuscitado.

CEssou a tempestade ; serenou
o mar da Payxam , resuscitou
Christo todo banhado de resplen-
dores , com mais gala , com mais
gloria , que Joseph sahindo do car-
cere ; que Daniel do lago dos leões ;
que Jonas do ventre da Balea : alvi-
garas alma minha , alviçaras , que te-
mos chegado ao porto da resurrey-
ção de Christo. Demos as graças , &
os parabens ao vitorioso Jesu , & a
seus pès digamos com Sam Thomè:
Meu Senhor , & meu Deos , com a
voza

DE MAREAR. 41

vossa gloriosa refurreyção resuscita-
reia hũa nova vida; mas como os La-
zaros não podem resuscitar sem lhes
bradares, dizey, Senhor, à minha al-
ma, que deyxé a mortalha, & sepul-
tura dos vicios; & se não bastão as
vozes de hũa graça sufficiente, seja o
brado de hum efficaz auxilio; q̃ co-
mo forte cabo me leve à toa, visto es-
tar tão destroçado, assim como levaf-
tes o bom ladraõ, também destroça-
do; meteyme Senhor naquelle por-
to, onde se recolhem em paz a arma-
da dos escolhidos, a frota dos pre-
destinados, onde por meyo da Car-
ta de Marear, se cantão os nauticos
celeūmas por todas as eternidades,
Amen.

EXER.

C A R T A
E X E R C I C I O
D E
N O S S O P A D R E
S. FRANCISCO.

Na Segunda feyra.



Presentava-se diante de
Deos, como reo, & cul-
pado diante do Juiz su-
premo, fazendo exame
& meditação de suas culpas, pelas
quaes tinha merecido a pena eter-
na, explicando, & conhecendo a
malicia, & miseria em que tinha ca-
hido, tendo só esperança na miseri-
cordia de Deos, rogava humilde-
mente

mente lhe perdoasse , appellando
da curia da sua Justica para a da sua
misericordia.

Na Terça feyra.

A Presentava-se diante de nosso
Senhor , como enfermo dian-
te do medico , & com grande affecto
do coração , imaginava estar enfer-
mo de muytas enfermidades ; & ro-
gava a nosso Senhor , pois elle só
podia , como medico verdadeyro o
sarassee.

Na Quarta feyra.

A Presentava-se como devedor
diante do seu acredor ; conhe-
cia as suas dividas , assim culpas , co-
mo

mo beneficios, & conhecendo se devedor de muytas maneyras, & vendo, que não podia pagar tudo, nem parte, pedia a sua Magestade, que pois era rico, & liberal para todos, os que de coração o chamavaõ, o livrasse daquellas dividas, esperando só em sua misericordia.

Na Quinta feyra.

A Presentava-se diante de nosso Senhor, como pobre mendigo diante de seu Rey, & rogava a sua Divina Magestade, tivesse por bem o sustentalo, dandolhe o manjar necessario para a vida espirital, declarando a necessidade, & fome que padecia a sua alma, pela esterilidade, que nella sentia; pois era Provedor

redor liberalissimo, o soccorresse abundantemente, porque só nelle tinha esperança.

Na Sesta feyra.

A Presentava-se como servo diante de seu Senhor, tendo-se por servo mão, inutil, & negligente no serviço de sua Magestade, conhecendo que tinha gastado o tempo sem proveyto, & em peccados, que mais merecia o carcere do inferno, do que o ser perdoado: meditando estas cousas rogava ao Senhor que por sua divina misericordia lhe perdoasse, & não lançasse de sua casa, nem o apartasse de seus escolhidos.

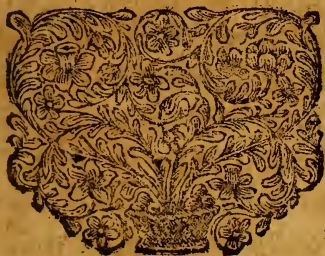
No Sabbado.

A Presentava a sua alma como esposa diante do seu Esposo, considerando que a sua alma era esposa do Senhor; entregavalhe a vontade, o coração, liberdade; explicandolhe os seus desejos, & declarandolhe a sua necessidade, dizia com o Salmista: Como o veado deseja com sede as fontes das agoas, assim a minha alma vos deseja meu Deus, pedialhe como a Esposo querido visitasse muytas vezes a sua alma porque amava muyto a sua presença.

No Domingo.

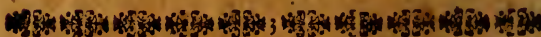
A Presentava-se diante de nosso Senhor, como filho diante de seu

u pay ; confessava ser o filho pro-
go , & fugitivo , apartado de seu
ay por desobediencia ; desapos-
do da herança paterna esperava na
misericordia de tão entranhavel pay,
& dizia : Padre!, pequey no Ceol, &
iante de vòs, já não sou digno de ser
hamado vosso filho ; fazeyme Se-
hor como hum dos vossos mercena-
ios ; conhecendo-se por rebelde á
ontade de seu pay , pedia lhe per-
doasse, & o recebesse por filho.



EXERCICIO
DO
SERAFIGO DOUTOR
S. BOAVENTURA

Para os aprobeytados:



Segunda feyra.

Quis est qui patitur?

D. Bo.
nat.
3. op.
c. 53.
in in-
cendio
amo-
ris.



UEM he o que padece?
Aqui se ha de foyeytar o
entendimento crendo fir-
missimamente, ser o Fi-
lho de Deos, verdadeyro principio
de todas as cousas, Salvador dos
homens, & recompensador de todos
os merecimentos.

Terga

Terça feyra.

Qualis est qui patitur?

Qual he o que padece? Aqui se haõ de considerar as suas qualidades, & procurar o transformar a alma no Senhor por affecto de compayxaõ, compadecerse delle como innocentissimo, mansissimo, nobilissimo, & amantissimo.

Quarta feyra.

Quantus est qui patitur?

Quam grande he o que padece? Aqui ha de reparar a alma, considerando, como o Senhor
D he

he immenso em poder, em fermosura, em bemaventurança; em eternidade, como se humilha, & aniquilla aquella poder immenso, como se afeia aquella fermosura, como he atormentada a Bemaventurança, & a eternidade morta.

Quinta feyra.

Qua de causa patitur?

Porque causa padece? Aqui se ha de meditar como padece por nossa redempção, santificação, & glorificação; & não por interesse seu, nem por merecimento nosso, se não só pelas entranhas de sua piedade.

Sesta feyra.

Quali forma patitur?

COm que forma padece? Aqui se hade considerar, que padece, como hum verdadeyro cordeyro, e boa vontade por amor de nós muy obediente ao Padre, & seus inimigos.

Sabbado.

Quanta sint quæ patitur?

AS cousas que padece? Aqui se ha de considerar como padece, sendo o todo poderoso, como foy injuriado de palavras, &

com vozes como vil, sendo a summa bondade, como foy escarnecido, como nescio, sendo a mesma sabedoria como foy atormentado, sendo a mesma Justiça, & a mesma santidade.

Domingo.

Quid ex hoc consequitur?

Que se seguiu de morrer Christo? Seguio-se abri-se o livro dos sete sellos do Apocalypse, que como diz o Serafico Doutor, vê a ser: *Deus admirabilis, Spiritus intelligibilis, mūdus sensibilis, Paradisus desiderabilis, infernus horribilis, virtus laudabilis, reatus culpabilis.*

Deus admirabilis : porque venceu o demonio na Justiça; com que buscou o rigoroso prego da nossa redemp-

demp-

mpçam ; na infinita misericórdia,
 m que se offerecco a morrer por
 us inimigos.

Spiritus intelligibilis: espirito in-
 lligivel, abrandura, & benignidade
 os Anjos, o valor das almas, cruel-
 ade, & tirania dos demonios, q̃ fam
 es diferenças de espiritos compre-
 endidos na palavra, espirito intel-
 givel.

Mundus sensibilis: conheceo-se a
 egueyra do mundo, que não conhe-
 eo a luz do Ceo, que desceo para
 llumiar, condenou, & tirou a vida
 seu Senhor.

Paradisus desiderabilis: manifest-
 use-nos o agradavel Paraíso q̃ de-
 eamos.

Infernus horribilis, descobriose o
 inferno onde os cōdenados padecẽ.

Virtus laudabilis : descobrio. f
que mais quiz o Senhor perder a v
da, porque senão perdessem as nossa
almas.

Beatus culpabilis : descobrio. se
graveza do peccado , para cujo re
medio foy necessario grande preço
tão custoso Sacrificio, tão difficulto
sa medicina.

Receyta espiritual.

SE a oração he trato, & contra
to d'alma com Deos, as alma
que tem o cōtrato dos dizimos reaes
para darem a Deos, o q' he de Deos
& a Cesar o que he de Cesar: as al
mas que tem o contrato dos vinhos
que tratão do amor de Deos, entre
os brindes do amor profano: as al-
mas

nas que arrematáraõ o contrato das
 peçoens, estando sujeytas às do
 mundo, & do corpo: as almas que
 contrataõ nos açougues, & còrtes da
 carne inimiga d'alma, necessitaõ de
 hũa cura geral, & de huma convale-
 cença particular, que começa pelo
 muy celebrado quarteto na mystica
 Theologia.

*Olvido de lo creado,
 Memoria del Redemptor,
 Recogimiento interior,
 Amando siempre al amado.*

Em quanto se anda à falla com o
 mundo sem cautella, & recolhimen-
 to interior das potencias, não será
 possível, que huma alma dure muyto
 tempo no amor de Deos, conservan-
 do as cinco portas abertas, por onde
 francamente pòdem entrar seus ini-

migos, que tantas vezes entram até
que deyxão a praça por sua, & as vir-
tudes, que dentro estavão postas na
praça; & ainda mal, porque a ex-
periencia tem provado tantas vezes
esta verdade, retrocendo tãtas almas
no caminho da perfeição; as quaes
querendo levar o Ceo como mun-
do, ficam prezas na mão do mun-
do.

Em segundo lugar, devem tomar
hũs suores nas potencias, para que fi-
quem livres do accidente do ar, que
sempre impede os movimentos para
o Ceo, obrigando a que todas se em-
preguem nas cousas terrenas, diffi-
cultando a virtude, & sempre clamã-
do que sô o mundo he o seu Cesar.

Estes suores se haõ de tomar na
estufa da Oraçam Mental, no fogo
do

o amor de Deos, deputando para
 to duas horas cada dia, nas quaes o
 entendimento vay despedindo nam
 só os pensamentos contrarios à vir-
 tude, mas ainda os indifferentes, que
 não servem para aquelle lugar, dey-
 xando para outro tempo, o que não
 conduzir para o amor de Deos, res-
 pondendo a tudo o que vier, o que
 lá respondeo Christo ás Virgens lou-
 cas: *Clausula est janua.*

A memoria tambem ha de ir lar-
 gando as lembranças do passado, cõ-
 servando só aquellas que lhe podem
 servir para a dor, & confissão das
 culpas; procurando o mais que pu-
 der, que sobre as culpas haja fuor
 de lagrimas; que com estas se purifi-
 ca o arrependimento, & corrobora o
 proposito: pois he certo, que nam
 pre-

prevalecem as culpas contra as correntes das lagrimas; porq̃ se os olhos choraõ, lá se vaõ as culpas pela agoa abayxo: longe està de cahir, o que chora as quedas que tem dado: as praças que tem agoa por muros, nũca se tomaõ por terra.

A vontade he a que mais ha de perseverar no suor, porque nella he mayor a enfermidade, para que fique de todo livre de todo o mais querer abayxo de Deos, serà necessario applicarlhe sempre o fogo, & demais perto, retirando-a de tudo, porque tudo a que se pega aqui, despega là, & por pouco que se ja, faz muyto dano, porque este amor do mundo he como bareja, logo cria bichos onde se poem.

A agoa que se bebe nesta convalescen-

ecença, he cozida com as raizes do desprezo, porque aqui todos os desprezos do mundo se bebem com a goa: isto he hum dos mayores sinaes de que se vay melhorando a alma na saude, por ter chegado já ao monte de não se me dá, nem se lhe dà do que se diz, nem do que se lhe faz, & todas as suas tençoens são para sinia: quem muyto se sente, nem está sam; nem está santo.

As pirolas que se tomaõ sam de penitencia, porque com ellas se vay gastando a opilaçam, que deyxáram os vicios na vontade, ficando entãõ mais habil para correr o caminho da perfeçãõ.

Os defensivos não se applicam à cabeça, se não ao coração, porque se contra elle encaminha o mundo o seu

o seu veneno, entre todos o melhor defensivo, he hum que faz a vontade, a que chamão (não quero) em quanto este persevera, ou algum dos seus irmãos (detesto, abomino, arrenegado do diabo) nunca se rende a praça do coração.

As sangrias todas se dão na vea de todo o corpo, porque sendo inimigo caseyro, he necessario diminuir-lhe as forças, porque senam rebelles contra o espirito; porque em quanto o corpo anda forçoso, anda o espirito fraco.

As ventosas todas se lançaõ no alto da presumpção; porque para obedecer aos baxos da humildade, ha se de fazer a descarga nos altos da soberba, & quando esta não obedeça ao fogo das ventosas, ha se de passar

DE MAREAR. 61

ar às ventosas sarjadas , lançando
nãõ às disciplinas de sangue ; porq̃
e o natural se vê oprimido, logo fi-
a humilhado.

Os lambedores vem feytos do Cal-
vario, porque à vista do que Deos
alli padeceo por nòs , tudo nos fica
doce, & se ha algũa dureza no pey-
to, logo se vay gastando, ficando a
vontade saã, gostosa de padecer, &
de muyto gostosa lambe as dores, &
faz estimaçam das penas: tudo quan-
to aqui se come, he assado; porque o
amor de Deos, tudo poem a assar, &
daqui nasce o nãõ ter fastio, porque
o tempero do amor logo lhe abre a
vontade: nada de molho se come a-
qui, porque o mundo he que se
poem de molho: as camas sendo to-
das bem feytas, todas sãõ duras, por-
que

que nunca se faz a cama à nossa vontade; mas para a verdadeyra saude, estas sam as melhores; porque a alma, que menos fizer a sua vontade, dormirá no leyto do Esposo com mais descanso.

Para os accidentes de melancolia, que são muyto ordinarios nos q'entraõ a convalecer de novo, se devem tomar huns pòs da terra com os olhos no Ceo, & conhecida a differença, logo foga a tristeza da alma; porque julga por nada quanto padece, â vista da Gloria que espera.

Os xaropes sam feytos da raiz contraria ao vicio, que mais reyna, em quanto este não cahe por terra, sempre se deve temer a recahida: as dietas são feytas pela mão do jejum, & todos quantos entram nesta cura,

lo-

DE MAREAR. 63

go se poem de dieta , porque a-
or entre regalos; morte de aplo-
exia.

Para as purgas se receyta o manà;
orq para purgar as imperfeyçoens
alma, & aviver as operaçoens do
spirito, a purga mais operativa he
do manà, o Sacramento do Altar;
mas ha se de tomar depois de bem
uente nos desejos do coraçam.

Finalmente para se conservar a
saude perfeyta em todo o tempo, se
ha de tomar cada dia huma untura
geral daquelle oleo , que chamam
presença de Deos , porque este oleo
em virtude para preservar de to-
dos os males, & para côfortar o cere-
bro, em ordem a impedir as fraque-
zas da cabeça, he efficacissimo reme-
dio andar sempre cheyrando aquel-
la

la flor do campo , que nasceo em Bellem; que para confortar aos fracos, he cousa vinda do Ceo.

Actos de amor de Deos, & complacencia das perfeçõens Divinas, para os exercitar a alma na contemplaçõ activa.

P Ara huma alma adquirir com a graça de Deos o felice estado da contemplaçam activa, o mais principal meyo he a contemplaçam dos actos, para vir a cobrar a perfeçam delle: & perguntando, que cousa he amor, define-se o amor: Hum bem querer, hum alegrar, & gozar dos bens, & perfeçõens que a pessoa amada goza; dezejar, & procurar com todas as forças grangearlhe mayores
aug-

DE MAREAR. 65

imentos, darlhe gosto em tudo,
 fazerlhe a vontade adevinhar-lhe os
 pensamentos; cuydar muyto nelle,
 & não lhe dar occasiam de queyxa;
 isto he ser amor; & quem deseja te-
 o a Deos Nosso Senhor, que só he
 digno de ser amado, & só elle he ver-
 dadeyro amante, guarde estas con-
 diçoens.

Queyralhe bem gozando-se, & a-
 alegrando-se excessivamente, de ser
 elle quem he; deseje; & procure
 com todas as forças grangear-lhe
 gloria em si, armando-se de virtudes,
 com os seus proximos, ajudando-os
 & servindo-os, como se foram o
 mesmo Deos, delhe gosto em tudo,
 façalhe a vontade não no offendendo,
 adevinhelhe os pensamentos, pa-
 ra lhe obedecer, cuyde muyto nelle,

E

tra-

trazendo-o sempre presente , nam
lhe dê occasiã de queyxas , guar
dando os seus preceytos , & isto he
terlhe amor , & para o exercitar,
quem de veras dezeja servir a Deos,
tome os divinos attributos , pela or
dem dos dias.

No Domingo cuydar na fermo
sura de Deos.

Na Segunda feyra , em sua sabe
doria.

Na Terça feyra , em sua omni po
tencia.

Na Quarta feyra , em sua bonda
de.

Na Quinta feyra , em seu amor.

Na Sexta feyra , em sua misericordi
dia.

No Sabbado , em sua eternidade.

Executarà a vontade com dous
actos

DE MAREAR. 67

tos principalmente, que sam ale-
ria, & complacencia, gosto, & de-
ite, em ser Deos perfeytissimo, &
ummo bem, resignando se em tudo
que lhe ordenar, & quizer, obede-
endolhe com gosto, amando-o com
satisfação, & contentamento.

Ao Domingo em despertando
façamos exemplo deste dia para os
mais dias da semana) se lembrará
ne ha de gozar se aquelle dia em a-
ermosura de Deos seu Creador. E
iga: Gozome Senhor, & douvos
nil parabens, de seres fermosissimo,
aime graça para me saber namorar
e vòs, & luz para penetrar algu-
na cousa do muyto que em vòs cre-
o. O mesmo diga todos os dias na
ontemplaçam dos outros attribu-
os, pelas palavras que mais lhe con-

tentarem, & forem do coração.

Quando entrar na oração, depois dos actos costumados de adoração, resignação, & petição, pondose em presença de Deos, com acto de Fé diga: Creyo Senhor que sois o que sois, & gozome de seres fermosissimo (ou sapientissimo, conforme o attributo do dia, em que orar) ensinai-me meu Deos, & mestre a vos conhecer, & amar, que de mim nada sou, nada posso, nada valho, nada mereço, nada quero mais que a vós, faça-se em mim vossa vontade. Considerando o presente faça muitos actos de Fé: Creyo q meu Deos está presente, & que he fermosissimo, misericordiosissimo, eterno. E fallando com elle lhe diga: Mil parabens vos dou Senhor de seres tam bello

DE MAREAR. 69

ello, (ou Sabio, conforme o dia)
aymos a mim tambem Anjos, & to-
as as creaturas, de ter eu tal Deos,
& tal Senhor, a quem espero ver, &
gozar para sempre: ô que gloria se-
rá, meu bem, vervos! quando será
o Senhor meu chegue já esta hora de-
ejada, em quanto se dilata, me que-
to alegrar com os bemaventurados,
em vossa fermosura: v. g. Regalo da
minha alma vervos tão lindo, & fer-
moso, com o gozo, & deleyte em vos-
sa gloria. Detendo-se faça presente
esta alegria com a vontade, como
quando temos gosto de ver hũa pes-
soa, a quem queremos bem, ou a hu-
ma imagem devota a quem se tem
evocão, que se está como rindo a al-
ma, & deleitando-se com contenta-
mento.

Desta maneyra imitando os Sera-
 fins, que sam os mais amantes espiri-
 tos, deyxando-se amar com elles, po-
 de ir cada dia em cada attributo, ex-
 ercitando-se com o mesmo gozo, cré-
 do, & alegrando-se de ser Deos ta-
 & para isso terá liçam, ou notici-
 dos ditos attributos divinos, par-
 com fundamento, & facilidade o
 contemplar.

*Astrolabio para medir, & pezar o
 caducos Soes da terra.*

*Memor esto judicij mei,
 Sic enim erit & tuum,
 Mibi heri, tibi hodie. Eccl. 18*

E Sta cabeça morta que veder
 nas mãos de hũa caveyra viva

e o estrolabio mais certo para a-
 navegaçam de huina vida, que sendo
 mar de misérias, he golfo de nau-
 ragios' lembrandovos o que foy es-
 ta caveyra, & vendo o que he, cahi-
 eis no que sois, & no que haveis de
 ser.

Este tofco, & feyo globo foy do
 mundo pequeno imperial Corte;
 uma Princeza do Ceo Palacio en-
 cantado; da alma racional laberin-
 to admiravel, & do livre alvedrio
 fcorial mais sumptuoso, dentro de-
 ta medonha esfera estava a Sè Ca-
 thedral do Juizo, estas ruinas foram
 aços da vontade, num quarto def-
 a abobada se accomodava a biblio-
 teca da memoria, por estas peças,
 ulas, torres de vento, passeava, &
 orria a vagamunda fantasia, nestas

escuras concavidades se artnavam as
tendas da sensualidade, as logeas
da ambição, as estalagens dos sonhos,
os cobiculos dos desenhos, as officinas
das ideas, as cellas dos cuydados,
os teatros em que por sonhos faziaõ
os Demonios comedias dos peccados.

Neste monte do corpo humano
assistiam os quartéis dos cinco sentidos,
por estes becos se alojava a infantaria
dos torpes, & vãos pensamentos,
nas portas de palacio estava de guarda
a companhia dos lascivos tactos, destes buracos,
noutro tempo de espiritos vitaes bem guardados,
rompia o povo das iras, o povo dos mais
rebeldes affectos, & todas estas praças,
& conquistas dominavão dous tyrânos,
amor, & odio.

Com

Com toda a fabrica que esta bola
do mundo pequeno teve, & com to-
da a lastima, que se vê, avisa o Espiri-
to Santo pelo Ecclesiastico a to-
dos os mortaes, dizendo: *Memor es*
o judicij mei. Lembrate cabeça viva,
desta morta; & olha diz ella, que fuy
como tu es, & tu has de ser como eu
agora sou. Vamos medindo, ou pe-
zando com este horrivel astrolabio,
o que foy, ou que podia ser esta ca-
veyra em toda a latidam da humana
esfera, & extençãõ da gloria mun-
dana: que podia ter esta caveyra sen-
do viva? Tiara de Pontifice, Co-
roa de Rey, chapeo de Cardeal,
mitra de Bispo, barrete de Clerigo,
capello de Frade, bõrla de Doutor,
chapeo de Homem, toucado de Mu-
lher. Que mais podia ter esta cavey-

ra em sua vida? Huns crespos, & polvorizados laços do mais agradável pelo; sobre este castello podiam brilhar plumas, tremolar bandeiras & agora despejada de todas essas insignias, roubada de todos esses vãos artificios, nem sombra he do que foy.

O que por natureza foy obra em que o Ceo se deteve, fabrica em que a Omnipotencia se esmerou, & a Trindade se empenhou, está em estado, que causa asco, horror a quem a vê hontem, se pôde dizer era rosto de Anjo, cabellos de ouro, cor de neve olhos como estrellas, dentes de perolas; & agora que he? Digaõ os dous Principes da poesia Latina, & Portugueza. *Fuit Illū, & ingens gloria Teu crorum; & campus ubi Troia fuit.* E a Portugueza, q̃ diz? cã-
pos

pos bemaventurados , tornados a-
gora tristes. E na outra parte: Ireis
ver ao chrystal, os olhos bellos, &
já os não vereis como dantes eram.
Com razão o tempo da vida he co-
mo o reposteiro, que arma os paços
de tapeçarias, & bordados, acabada
a festa torna a desfamar os ricos pa-
nos, & preciosas colgaduras, de-
xando as paredes nuas, & frias. Aca-
basse a festa da mocidade, desfamaõ-
se as lindas armações dos tenros an-
nos, & o melhor frontespicio da na-
tureza humana, por violencias da
morte, & roubos da sepultura, fica
da sorte que vedes.

Amadores da vaidade, idolatras
do mundo, notay que neste signo de
Escorpiam, neste horrendo aspecto,
& medonha visam se ha de tornar to-
od

do o soberano, pomposo rico, delectavel do mundo: a caveyra do Principe, a caveyra do pobre seraõ diferentes para os applausos da fama, mais iguaes nos estragos da morte: morre o pobre, morre o Principe; porque a morte não perdoa, nem aos palacios dourados, nem aos pastoris albergues: & que mais tem os ossos, & a caveyra do Principe, que a do pobre? menos tem, ou menos duraõ os ossos do Principe, porque como saõ ossos mais mimosos, que se creãrão, nos regaços da fortuna, mais depressa os corrompe a morte, & gasta a terra; & na parte da caveyra, que he a reliquia mais perduravel, taõ caveyra he a do Principe, como a do pobre, a do illustre, como a do humilde, a do rico, como a do pobre,

re, a do sabio, como a do idiota, a do senhor, como a do escravo.

Aquella soberba estatua que augmentou a idea, & eternizou a memoria de Nabuco donosor, diz o segundo Texto, que tinha a cabeça de ouro, os peytos de prata; o ventre de bronze, as canas de ferro, os pés de barro, bastou huma pedra atirada sem mão, para derrubar aquella arrogante fabrica em que a altiva Magestade unio artificiosa os mais preciosos metaes, que formou a natureza. Não reparó em que a pedra logo topasse no barro, havendo na estatua em que fazer mais subido emprego; reparo só em que este ouro, esta prata, este bronze, este ferro, de que se compunha a estatua, todo se tornasse em terra: *Redacta quasi*

Dan.
2.35.

quasi infavillā, æstivæ aræ. O ouro derretido deyxá fezes de ouro, a prata cinzas de prata, o brôze cinzas de bronze, o ferro cinzas de ferro? logo como diz a Escriptura, que nada ficou na estatua, que se não tornasse em terra? Ora foy mysterio, foy espelho em que aprendessem os mortaes. Nesta estatua consideram algũs Doutores hum teatro da fortuna, no ouro a mais alta Magestade, na prata a fidalguia, no bronze a nobreza, no ferro a valentia, no barro: a mechanica: ponde essa estatua em pè, vereis ouro, vereis prata, vereis barro: venha abayxo a estatua, amaine essa soberba: em que se torna a chimèra de metaes, a organização dos imperios? Em terra se torna tudo *Infavillam æstivæ aræ.*

Na-

DE MAREAR. 79

Nabucos , Cesares , Augustos,
 Pompeyos, Claudios, Tiberios, A-
 lexandres, Scipiões, Annibais, De-
 metrius, Cressos, Darios, Marios,
 illas , lembraivos de mim : *Memor*
sto judicij mei diz esta caveyra. Tã-
 to os que vivem no paço , como os q
 trabalham no campo , são caveyras
 vivas, que hão de ser como esta cabe-
 ça morta sem differença nem distin-
 ção assim como hão de ser todos i-
 guaes na terra, & cinza : *Æquat om-*
nes cinis : diz o Seneca : tambem nas
 caveyras não ha desigualdade , nem
 destinação alguma , em vida haverá
 melhor cabeça, mas depois da morte
 não ha melhor, nem peor caveyra ,
 alto, & bayxo, tudo he caveyra: *Sic*
enim erit & tuum.

Se esta caveyra tem ordem , & li-
 cença

cença para fallar: *Memor esto ju*
cij meitambem eu tenho licença p
ra lhe dizer: Caveyra, onde estaõ
teus cabellos? lembrete, que quando
os penteavas, fazias de cada priza
dourada hum laço para os olhos, h
engano para os sentidos. Que he fe
to dos negros das sobtrancelhas, co
mo arcos, settas, & arpoens, que po
ferem negras por natureza, ou po
artificio, tanto esforçavaõ a neve, &
o burnido da testa? Estas lapas, qu
tiveram a dous soes por hospedes
como estaõ secas, eſcuras, & solita
rias! Que novas ha dos ouvidos? pa
ra onde foy o padar, amigo de bon
bocados? Que caminho levãram os
dous Cardeaes amicissimos do Papa.
E já se desmanchou o portal de na
car com a galaria de marfim? Que sa
eri

rilego pirata roubou a cegueira, que
 esta caveyra se adornava? Ah cruel
 rpia! ah morte! ah bichos famin-
 os, & raivosos? desta maneyra des-
 ruistes a melhor peça do composto
 humano, sem nos deyxares mais que
 esta carranca de ossos, este despojo
 a sepultura, este espectáculo da
 ealdade?

Tempo sey eu, em que as luzes
 que animou a bizzarria para illustre
 xcesso dos melhores astros, agora
 am estrellas desencaxadas, Soes
 scurecidos; se noutro tempo as en-
 raçadas faces foram matizes que
 ninou a gentileza, para desprezo
 alhardo das presumpções da Rosa,
 onsumido o resplendor, morta a
 izeza, extinguiu a morte o primo-
 so retoque dos esmaltes dos câpos

F

a se

a semetria dos accidentes , a finosomia das feyçoës para exemplo, para escarmiento dos perfumidos Soes da terra. Elena antes de ser caveyra vio num espelho a fragilidade da fôrma, a mudança do tempo na mudança do seu rosto ; & diz Plutarcho , que ria , & chorava : ria-se aos excessos, que por seu respeyto se commetterão, despovoarse Grecia, abruzar-se Troya, pelejarem Deoses entre si por amor della : mas tambem chorava de ver com seus olhos , o que já era escandalo da vista a que fora idolo de tantos olhos , & de ver em si executada a cruel sentença do tempo ; dizem que com payxam se enforcára , & quanto melhor lhe fora ver-se neste espelho , que tal vez com elle melhorára a vida enforcára a vaidade.

DE MAREAR. 83

vaidade, que a fez perder a vida.

As Elenas, Libias, Europas, pe-
em-se neste astrolabio, & verão co-
no nos alterados mares da presump-
am he falsa, & vã a sua fermosura:
prendam tambem os Nabucos, &
aybam que tem o Ceo pedras, para
azer em meuda area a mais sober-
a estatua do mundo: aprendam os
Absaloens, que cabellos de ouro
ervem hoje de ornato, & a manhã
e desengano: aprendão as Racheis,
que brevemente seram Saras, & de
arás passarão logo a caveyras; & de-
enganem-se as Saras, que já não sam
Racheis; não queyram contradizer
seu Creador reformando, & e-
nendendo com enfeytes, o que Deos
ormiou, porque as não desconheça
a resurreyçam geral com o *Nescio*

vos, das Virgens loucas : aprenda
 mostodos que as figuras que appare
 cem, ou desaparecem no teatro del
 ta vida, vistas, ouvidas, & cheyra
 das, gostadas, apalpadas, em quanto
 vivas, sam torpezas enfeytadas, hor
 rores prateados, caveyras douradas,
 depois de mortas, he o que vedes. O
 mundo, diz S. Paulo, he huma figu
 ra universal, que se compoem de
 muytas figuras, he figura que vay
 .i. Cor. passando mostra: *Præterit enim figu-*
 7.31. *ra hujus mundi*: em vida vereis as fi
 guras do mundo bem vestidas, & bẽ
 trajadas, mas depois que passam â
 banda dalem, que vão para outra vi
 da, vem se desfiguradas, & tão mu
 dadas como esta que aqui vedes; & se
 quizesse Deos que a mudança desta
 figura fizesse sempre em nòs alguma
 mudança.

Celebrava Cortes em Toledo

o Emperador Carlos Quinto, quando a morte, que igualmente piz palacios, & cabanas, cortou no mez de Março, mez das flores, a mais celebrada fermosura daquelle seculo, a Serenissima Emperatriz Augusta D. Izabel; para se levar o defunto corpo a Granada, elegeo o Emperador da fidalguia Espanhola o mais illustre, & luzido da Corte, encomendando aquella pia, & riligiosa acção ao Marquez de Lombai, que depois foy Duque de Gandia: chegarão a Granada, abrio-se o cayxão, & que se vio? Aquelle rosto, que dantes era maravilha da natureza, reduzido a huma cifra da fealdade, tão mudado, & denegrido estava o rosto, da Emperatriz, que o

Marquez attonito , & compungido, logo alli dentro de si se resolve a não servir mais aquem lhe ouvesse de morrer; entrou na esclarecida Religiaõ da Companhia de Jesu; entregou-se todo à penitencia, humildade, & oração; viveo, & morreo tão Santo , que a Igreja o tem já posto nos Altares , com o nome de Santo Francisco de Borja , com huma coveyra na mão, instrumento da sua prodigiosa conversão.

Flores do mundo com almas racionais, vedes como se murcha como se seca, & fica tão fea, & disforme a melhor flor da vida? Aqui se vê o que vio S. João no seu Apocalypse, o feno verde queymado: *Omne fœnum viridi combustum est*: se a flor do feno, com que Isaías compára a gloria,

Apoc.
8. 7.

gloria, & fermosura do mundo: Om- ^{Isaim.}
 is caro fœnum, & omnis gloria ejus, ^{40. 6.}
 uasi flos agri, se queyma, & abraza
 ondose neste estado, combustum est;
 lerta flores, que para nós he a fouce,
 & o còrte mais certo da morte: Flo-
 res apparuerūt in terra nostra, tem-
 pus putationis aduenit.

Na Monarchia das flores a que ^{Cant.}
 brota mais linda, qualquer vento a ^{2. 12.}
 desfolha, qualquer desabrigo a mur-
 cha, qualquer inclemencia a mata, &
 não sem lastima vereis as flores em-
 baladas no berço da manhã, mor-
 tas, & sepultadas no occaso da tarde,
 de toda aquella pompa com que a-
 manhecem presumidas, se cortam os
 capuzes, com que a noytecem palli-
 das, & amortecidas, o mesmo que as
 anima, he verdugo que as desbarata,

o mesmo orvalho, que as enfeyta
he aspide que as ensovalha, nasce
tomando os postos mais altos, po
pondo o credito de recatadas á lisom
ja debem vistas, & pela liviandade
da fermosura, escusando o defengano
do pô da terra, no ar achão o escar
mento, no castigo com q̃as desbara
ta. Da rosa diz Plinio, q̃ he a derra
deyra que floresce, & a primeyra que
perece: *Novissima rosa ea, quæ pri
mo deficit.* E porque a rosa, por ser o
melhor emblema da fermosura, está
tida por Rainha das flores; quero no
ticiala aos q̃ nunca a viraõ, o seu nas
cer; & acabar no mesmo dia, para q̃
se cõbine a noticia da melhor flor cõ
a vista da que murchou nesta caveira.

Formase a rosa em hum botaõ da
mais ricatela; que se teceo no tea-

es da natureza ; todo salpicado , &
brincado todo dos liquidos aljofa-
es, com que a Aurora borda as flo-
es: o Sol, que do palacio do orien-
te vê nascer a rosa, começa a galan-
teala ainda infanta nas mantilhas de
carmesim , & logo nos mais bran-
dos , & dourados rayos manda em-
bayxadores para o casamento que
perrende: se os Ceos foram jardins,
não ha duvida que a rosa fora Rai-
nha, onde o Sol he Rey: com o reca-
do dos Embayxadores do Sol, abre a
rosa o Ceo da sua fermosura , des-
cobrese o thesouro das bellezas, apa-
rece a gloria das plantas , o primor
das flores, a perola do prado , bri-
lhaõ as purpuras nas rutilantes fo-
lhas, perfumão os Ceos as odoríferas
exalaçoens , pasmão os olhos de ver
tal

tal lindeza em taõ pequena planta
ajuntaõ-se em cortes todas as flores
& vendo na rosa a fôrma digna do
imperio as insignias reaes de purpu
ra, da coroa; & guarda dos espinhos
todas de commun consentimento
a acclamam, & juram a rosa por Rai
nha das flores, com consecas demon
straçoens de alegria, com as armo
nias das aves, danças dos ventos, re
piques dos arvoredos, descantes dos
rios, todas a huma voz clamam,
Viva, viva a rosa; mas quanto vive
a rosa, quanto dura o seu reynado?
O Thema da caveyra o diz: *Mibi
beri tibi hodie*, Hontem por mim,
hoje porti: só hum dia tem de vida
a Rainha das flores; he efimera de
hum dia a rosa, pela manhãa coroa,
ao meyo dia trono, à tarde doença,
à noy-

noyte mortalha: *Quam longa una
ies, etas tam longa rosarum.*

Ao que responde a caveyra: *Nos
uoq̃ floruimus, sed flos fuit ille ca-
ucus.* Tambem nós florecemos, mas
que floreceo, foy como orvalho da
noyte, que se derrete em aljofar so-
bre as esmeraldas do campo, que aos
primeyros ardores do Sol se seca, af-
fim como flor, assim como orvalho
que cria as flores, se seca, & murcha
caba o brio, a suavidade da cor, &
proporçam de feyçoens, & não dey-
xa de admirar, & confundir veros
extremos da gentileza transformada
nos methamorfosis desta deformi-
dade.

Foraõ os Soldados buscar o corpo
da Rainha Jezabel, para lhe darem
sepultura, & diz a Sagra da Escriptura

Reg.
9.35.

tura, que não acharão mais que a
vêyra: *Non invenerūt nisi calvari*
pegão da caveyra, & de admirado
& confusos perguntão: *Heccine est*
illa Jeshabel? Esta he aquella galha
da Princeza de Israel, & celebrada Je
zabel? esta he a que estudava enfey
tes na livraria dos espelhos? esta a
tomava pontos na cara, & com fa
fast tintascayava as envelhecidas ta
pas das faces: *Heccine est illa Jesh*
abel? Esta a que nas janellas de Pa
lacio se vendia por ramilhete da na
tureza: *Heccine est illa Jeshabel?* Ve
des camaradas em que se tornon o
Imperio, a pompa, a gala, o me
lindre, a jaçtancia, a soberba; a tira
nia de Jezabel? Si bellezas engana
das, & enganadoras; desta sorte se
ha de murchar, o que a vossa ceguey-

ra

chama rosa, desta sorte ha de cahir
 idolo, que a vossa locura appellida
 trella, desta sorte se ha de ecclipsar
 luz, que o vosso engano aclama Sol:
ic enim erit & tuum.

Entrou Noemi em Belem, sahi-
 ão as molheres a ver aquelle pasmo
 e fermosura, & rompendo em vo- *Rut.*
 es publicas diziaõ: *Hæc est illa Noe- *1.19.*
mi? Esta he a famosa Noemi, por
 antonomasia a fermosa? Já nam sou
 ffa, respondeo Noemi, que quer di-
 er fermosa, *Ne vocetis me Noemi;*
dest pulchram, porque os trabalhos,
 os desgostos, & penáldades da vida
 o tempo, & suas mudanças, foraõ os
 nstrumentos com que Deos affligio,
 & humilhou a minha fermosura:
Quã Dominus humiliavit, & affli-
xit omnipotens; & que mais abatida, q
 mais*

mais humilhada, & castigada, pô
 estar a fermosura do mundo, do q
 nas caveiras, ainda das que serão sa
 tas como Noemi, Rebecca, Miche
 Judith, Esther? Que mayor afront
 que mayor mortificação de hum
 gentileza desvanecida, que hum
 caveyra? bastava ser calva, quant
 mais caveyra.

Quando os Sagrados Profetas
 querem encarecer os castigos d
 Deos, dizem, que fará calvas as ca
 beças dos peccadores: *Incunctis capi*
Isaias. tibus ejus calvitium, & omnis barba
Isaias. 5. 23. radetur: Todas as cabeças serão cal
 vas, & toda a barba se rapará, diz I
 saias. As barbas rapadas tem já muy
 to tomado por sua devoção, ou por
 sua vaidade, fazendo do castigo gen
 tileza, da infamia bizarria; só as cal-

s não ha quem as tome, por serem
rontosas, & sinaes certos da ve-
rice; antes as cobrem, & dis-
rção muytos com cabelleyras pos-
ças, tudo a fim de parecerem
oços, & gentis-homens, sendo
elhos, & tal vez mal figurados,
as por mais que façam, que cu-
ram as calvas, & rapem as bar-
as, todos serem calvos, diz a Es-
criptura; porque a morte, & a sepul-
ura os faram bem calvos, & lhes fa-
rão muy bem as barbas: os barbeyros
hoje não barbeão: escrevem, fa-
endo dos bigodos virgulas, & da
barba ponto; mas là estão os bichos
a sepultura, barbeyros de huma
rte nova, que rapam tambem as
barbas, & ainda a quem as não tem
que levão couro, cabello, & carne,
cum-

cumprindose bem o castigo d' o *Om-
nis barbaradetur.*

Supposto que nos vivos ande
as caveyras taõ disfarçadas, porqu
andam cubertas com volantes, o
veos encarnados, nas sepultura
donde sahio esta não faltam sum
lheres de cortina, que tirem as cor
tinas, & os vèos da pelle exterior
& descubram a fealdade de dentro
à fraqueza da nossa vista se deve a
gradecer a belleza das creaturas
que se a nossa vista fora de lince, &
penetrára os interiores, não foram
tão apetecidas; & tão adoradas a
caveyras vivas disfarçadas, nem tam
estranhadas as cabeças mortas; ma
já que o Espírito Santo offerece
sem volante aos nossos olhos ca
veyra sem disfarce, sem volante, sem
vèos

co, & sem rebugo, & nos manda
 er nella como em hum espelho vi-
 o: *Memor esto Iudicij mei*; veja-
 onos todos neste espelho, porque
 dos nos havemos de tornar nelle:
ic enim erit & tuum.

Os espelhos, como diz Seneca, ti-
 eram sua invectivã no conhecimen-
 o proprio, inventarão se para os ho-
 mens se conhecerem vendose nelles:
inveneta sunt specula ut homo se nos-
ceret. Os Philosophos antigos faziam
 tanto caso das caveyras, que não só
 azação dellas espelhos, mas tambem
 axellas; comião, & bebião por ca-
 eyras para entranharem bem o pro-
 prio conhecimento; comião por el-
 es as virtudes moraes, em que foram
 tão insignes, bebião pelas caveyras
 contraveneno das vaidades, & so-

G

berbas

berbas do mundo. Socrates usa de tudo, de huns, & outros espelhos & dizia a seus discipulos, que se vissem em espelhos; & em que fundava o Filosofo a opiniaõ dos espelhos? Dizia que se vissem todos a espelho; para que os dotados de gentileza a não afeassem com vicio, & os feyos procurassem a fermosura das virtudes; tivessem de virtuosos o que lhe faltasse de gentis homens & que melhor espelho para transformar os feyos em fermosos, os peccadores em Santos, do que huma caveyra.

A soberba he o vicio mais opposto à santidade; & a mayor deformidade d'alma; vendo se huma pessoa em huma caveyra, vendo a fealdade em que se torna a melhor parte

do

compolto humano ; vendo , & andose entaõ vil , & asqueroso re-
to , nam pòde deyxar de se humi-
ar , & compungir , considerando
triste , & miseravel fim que ha de
r. O pavão quando olha para as
as plumas , & vê os penachos taõ
zidos , & esmaltados de vivas co-
s , inchase grandemente , estende o
escoço , & encrespase formando
uma soberba roda , mas tanto que
ha para os pès , & os vê disformes ,
rugados , & palidos , logo desfaz a
ola , abate a roda , & fica triste : o
que succede ao pavão com os pès ,
os ha de succeder a nós com a ca-
beça : elle com afealdade dos pès
bate a roda , a soberba ; nos com a fe-
aldade da cabeça , nos havemos de
amilhar da cabeça até os pès : o pa-
vão

vão com os pès , que he o seu fim ,
humilha ; o homem com a caveyr
que he o fim do fim em que se torr
com o fim da morte , que vé na c
veira ; abata as rodas da presumpça
deyxé de ser soberbo ; & seirà log
fanto ; veja-se neste espelho , qu
com ser tão escuro , he mais clar
que o cristal para os defenganos d
vida. Os espelhos de vidro forat
inventados , como disse o Estoico
para conhecimento do homem , &
elles sam os que fazem o homer
mais desconhecido , porque com
se vem nelles por vaidade , com
nelles se enfeytão para enganarem
enganando-se a si proprios , como
compoem para descomporem , co
mo se matão para matarem , são mu
diversos os vossos espelhos , deste

DE MAREAR. 101

s vossos christaes, as vossas vengenzas
 não os que vos matão vendovos nel-
 es. Estes feyos, & medonhos retra-
 os mostraõ-vos a verdade, dizem-
 os o que sois, o que haveis de fer, &
 esta representaçam pòdem trans-
 formar em justos os mayores pecca-
 dores do mundo.

Vendo-se Narciso, (sirvamonos
 tambem das humanidades) vendo-
 se Narciso no liquido cristal de hu-
 ma fonte, namorou-se de si mesmo;
 meteu os braços na derretida prata:
Brachia mer sit aquis, & não achan-
 do mais q' agoa, exclamou, dizendo: *Ouv?*
 Para que foges de mim, beleza cris- *Meta?*
 talina, ou cristal animado? Não sou *1.6.3.*
 tão feyo, nem tão velho, para que
 me desprezes; mas que he isto, que
 vejo? querote abraçar, & tu tam-

beni queres, & não podemos; mas
ah que já me entendo: eu sou o me-
mo, que me busco, & que me retiro.
Triste sorte! cruel parca! na flor d'
idade metiras a vida? Com as lagri-
mas, que como perolas faltavaõ no
cristaes da fonte, turbou a agua, de-
fez-se o espelho: *Et lacrymis turba-
vit aquas*; entaõ mais louco, & fu-
rioso o martyr da gentileza, desabro-
xou impaciente os nevados, & ter-
ros peytos, & com tal furor os ferio.
*Nudaque marmoreis percussit pecto-
ra palmis*: assim como o Sol derrete
neve, & o fogo a cera, se foy gastan-
do, & consumindo o bellissimo man-
cebo; quando as Ninfas acodiran
para lhe fazerem as exequias, já
Narciso estava convertido, & trans-
formado em huma flor, que se chama
lirio.

Cor-

*Croceum precorpore
flore*

*On.
lib.
163.*

*veniunt folijs medium cingentibus
albis.*

Quantos Narcisos, & Narcisas
em serem fabulas se namoram de si
mesmos nos seus cristaes, nos seus es-
pelhos? para se cumprir nelles, &
nellas a profecia de Sam Paulo dos
tempos perigosos em que os homẽs
chegariaõ a serem namorados de si
mesmos: *Instabunt tempora pericu- 2. Tim*
losa, & erunt homines se ipsos aman- 51.
tes; perdidamente se amão, os que
nos espelhos se vem, & revem, para
serem profanamente amados. Quem
pudera entam interpor este espelho
mais claro que o de cristal com que
se enganaõ, & com que se matão os

espilliados? Nárciso, vendo-se no
cristallino espelho da agoa, diz
que se não enganava, *Nec me me
faliit imago*, & enganouse elle tanto
com o seu espelho, que por amor
delle se matou a si mesmo: a si se ma-
tão muitas almas vendo-se em espe-
lhos, sem verem a vaidade que os en-
gana, sem atenção que os cega, &
cegueyra que os mata.

Os espelhos em que se vem o
Narcizados, representam rosas, &
jasmims, mas debayxo da rosa, & do
jasmim da mais linda cara, está a co-
bra enroscada, a serpe escondida: no
espelho de vidro ve-se a cobra pinta-
da, o cepo enfeitado; mas neste
espelho ve-se o cepo, descobre-se a fe-
aldade: este espelho si, que faz que
brar espelhos, pizar soberbas, abor

rece

ecer vaidade. A fortuna do mundo
hama-se vidrenta, porque os anti-
os lhe consagrarão hum templo de
idro: quem se vê neste espelho, es-
usa de se ver nos de vidro; porque
cha o mais sobido, & verdadeyro
conhecimento de si mesmo: nos de
vidro engana-se com as falsas, & a-
parentes imagens do mundo; quem
na deste espelho, de tudo zomba,
do espelho de vidro, & da fortuna
de vidro, quem se governa por este
relogio, não se pôde achar errado;
na hora da morte, quem com este as-
trolabio mede os astros da terra,
peza os caducos Soes do mundo,
poem-se na altura do Ceo, chega em
paz ao porto da salvação; para este
fim diz a caveyra que nos lembremos
do seu juizo, do seu fim, da sua mor-

te, & do estado em que a vemos.
Memor esto Iudicij mei; para q'tra-
 temos de prevenir o futuro, chorar
 passado, emendar o presente.

Vedes? ouvis? acabais já de vos de-
 fengar o que he o mundo grande
 & pequeno? o que he a vida em fo-
 lha, em flor, em fruto? & o que se tir-
 da morte, & da sepultura, o triste pa-
 radeyro dos amantes, & amados,
 fim dos seus zelos, ciumes, suspiros,
 faudades, correspondencias? Em o-
 sos de finados se finalizaõ as finezas
 dos amantes. S. Agostinho depois
 que vio o amigo morto, então cre-
 que era mortal; quando vivo, pel-
 muyto que o amava, parecia-lhe que
 não havia de morrer: *Ille quem quæ-
 non moriturum dilexeram, mortuum
 erat.* Vêdo morto o amigo de fenga-

Aug.
conf.
 14.

nou

e que a ametada da sua alma, *Dimidium animæ meæ*, se podia apartar, & deyxar a outra ametade: amelhor renda que os amigos podem deyxar aos seus amantes, ou amados, he esta reliquia, este espelho da morte: *Memor esto Iudicij mei*, pela virtude que tem para reformar a vida.

Finalmente vendovos nos vossos espelhos, não vos vedes bem, porque nam vos conheceis cabalmente, nem comprehendéis o que sois, & sabeis de fer; como neste espelho em que não só vos vedes, mas vedes todos, & atudo o que no mundo ha de mayor estimaçam, & agrado; vedes que nisto paraõ as fermosuras mais celebradas nas divinas, & profanas letras; vedes que nisto se torãõ todas as fabulas do mundo, as
poten-

potencias de Jupiter , as arrogancias
de Marte , os roubos de Plutam ,
negociaçoens de Mercurio , os juizo
de Paris , os raptos de Canimede
as intemperanças de Bacho , os de
leytes de Venus , as travessuras d
Cupido , as presumpçoens de Palla
as riquezas de Juno , as nobrezas d
Cibelles , as cabeças de Meduza , a
maçans de Atalanta , as sensualida
des de Flora , os encantos de Medea
pois espelho tão grande no que re
presenta ; no que alcança , no qu
descobre ; espelho tão claro ; tão vi
vo para destruir vaidades , & humi
lhar soberbas , não no ha como este
he mais engenhoso , & poderoso
este espelho , que todos os espelho
de Archimedes , que com os rayo
do Sol queymáraõ hũa armada. Hu

na caveyra com hum só rayo do Sol
e justiça, com huma só inspiraçam
o Ceo, basta para destruir, & abra-
ar quantas armadas poem no mar
este mundo o inferno, quantos ex-
ercitos pôde pôr em campo a vaidade
do mundo.

Em Pariz havia hum Prêgador
da Ordem de nosso Padre Sam Do-
ningos, que costumava pelas Qua-
resmas sahir a prêgar pelas Cidades
circumvisinhas. Certa Matrona de
mais vaidade, que virtude, pediu-lhe
que quando viesse na seguinte Qua-
resma, lhe trouxesse hum espelho de
Pariz. Prometeo-lhe o Religioso
que de boa vontade o traria, como
fez na Quaresma que logo se se-
guio, & antes de lhe mostrar o espe-
lho, disse que mandasse ajuntar a fa-
milia

milia, & a vizinhança, para verem
todos o espelho de Pariz, que tinha
muyto que ver: junto ao auditorio
tira o Prêgador de huma caveyra, &
diz: Vós senhora me pedistes hum
espelho de Pariz, eis aqui o melhor
espelho que ha em Pariz, & em to-
do o mundo: não para toucar prima-
veras, concertar cabellos, pintar
caroens, mas para reformar costum-
mes, desfazer vaidades; desfengana-
locuras: esta caveyra foy o que vós
agora sois; vós brevemente sereis
que ella agora he. Pasinaram os ou-
vintes: a senhora da casa que pediu
o espelho; foy a que mais se apro-
veytou do lanço da caveyra, porque
mudando de cores, mudou de cos-
tumes, desprezando o mundo, &
suas vaidades, buscou a melhor, &

eterna

terna fermosura.

Aquitendes Christãos o melhor
 espelho que ha no mundo, nam dos
 que com falso resplendor enganam
 os que nelle se vem para serem vis-
 tos; mas he espelho este, que com
 escuro, & descorado gesto vos
 esengana, clara, & efficaçmente
 diz que assim como o vedes haveis
 de ser: *Sic enimerit, & tuum. Quasi*
dicat, diz Lyra, festines operari bonũ
dum vivis, quia post mortẽ non pote-
ris. Que vos resolvais logo a obrar
 em em quanto sois vivos, porq̃ de-
 pois da morte, depois de caveyras o
 não podereis fazer: o mesmo diz S.
 Paulo: *Dum tempas habemus, opere-*
mur bonũ; se agora que tendes tem-
 po o não fazeis, depois pòdevos sal-
 var o tempo, pòdevos succeder como
 a Anni-

Annibal na batalha das Canas: *Cui potui nolui, cū volui non potui*: Quando pude não quiz, quando quiz não pude; & quem agora pôde, & não quer; diz S. Agostinho, que depois quando quizer não poderá, & achar-se-á á porta inferi com as Virgens loucas do Evangelho, por estar já fechada a porta do Ceo: *Clausæ est janua*. E se esta caveyra, diz Lyra, que diz: *Quasi dicat*: pois se he do funto que talia, *defunctus adhuc loquitur*; quero que me responda humas certas perguntas.

Mat.
25.10.

Quem es, cabeça morta, ou quem fostes, cabeça viva? fostes por ventura de algum Prêgador, que mais pregava por interesses do mundo, & famas aerias, do que por gloria de Deos, & salvação das almas? Pergun-

unto, se acaso fostes, não me digas
 nome de algum Religioso, que
 tendo sobre as amarras dos votos
 sollemnes da Religião se perdeu, ou
 algum Sacerdote secular, que
 tendo Ordens sacras, por sua desfor-
 tunada vida fosse condemnado àquel-
 le lugar, onde diz Job, que não ha-
 verá ordem alguma: *Ubi nullus Ordo*, mas ^{Job.} _{10.29}
 horror, & confusão eterna: *sed sem-*
per ternis horror inhabitat: senão es
 pessoa Ecclesiastica, serás de al-
 gum rico avarento, que por ser bolça
 do demonio, mialheyro do inferno,
 comprasse a sua condenação com o
 seu mesmo dinheyro: bem poderã
 ser de algum mercador, que por
 furas, & enganos mercasse a dor
 que padece no outro mundo: nam
 deas tu de algum Ministro, ou offi-

cial de justiça, que por condenar, condenasse, & quem me diz a mim que nam será esta caveyra de algu ladrão, ou homicida, que na cadeya do inferno paguem o que cá não pagãrão: de mulher tem hum final, se he das que se sustentão, & ve tem de peccados, já experimenta o que não queria crer, que por d leytes momentaneos se dão tormentos eternos: tambem pode não ser de mulher perdida, mas de homem perdido por mulheres; estes diz a Escriptura, que são muitos os que se condenão: *Propter speciem mulieris multi perierunt.* Ou veira, porque não acabas de te declarar? se estás muda, porque o teu peccado foi mudo, dizeme se es de alguma pessoa que por vergonha encubra

pecc

peccados na confissão, & por isso
 é condemnou; se a calvo es, dize cavei-
 ra, que deras agora se tiveras lin-
 gua para te confessar? que disseras,
 & que fizeras, se tiveras esta só hora,
 que tem este meu auditorio?

Caveyras vivas, a proveytar da
 occasião, que he calva, & muito mais
 da occasião que he caveyra, porque
 esta sem fallar, falla sem palavras,
 move sem lingua, a moesta, & cla-
 ma, que façamos o q' ella já não pô-
 de fazer, antes que nos vejamos no
 seu estado, que nos aproveytemos da
 vida para a penitencia da boca, para
 a confissão dos olhos, para as la-
 grimas do coração; para o pezar, &
 para que seja sem dilação algũa.

Aquitendes o Calvario em pe-
 zo, Christo crucificado sobre a ca-

veyra, *In eum qui dicitur Calvaria*
locum, apar do defengano o remedio
 a misericordia sobre a miseria, & com
 hum descãte de arpa, & cravo, Cru
 & caveyra; a letra que ao som do
 dous instrumentos canta o Salva
 dor do mundo, he esta; *Popule meus*
quid feci sibi, aut in quo cõtristavite
responde mihi. Pergunta o Senhor
 da Cruz ao seu povo, q̃ he o que lhe
 fez; em que o molestou para o offen
 der, & tornar a crucificar; & diz que
 lhe responda: *Responde mihi.* Eu
 Senhor por ser o mais comprehen
 dido na queyxa que fazeis, quero res
 pponder por todos os peccadores, an
 tes que os peccados clamem, & res
 pondão, como diz Isaias: *Et peccata*
nostra responderunt nobis, já que
 he tal o vosso amor; que quereis

Isaia
59.12.

vossos

vós respondamos, dizemos que como fostes crucificado sobre o monte das caveyras, & sobre a caveyra do primeyro peccador foy arvorada a vossa Cruz, tribunal da vossa clemencia, agora que com o astrolabio desta caveyra estamos defengando-vos, & arrependidos das vaidades do mundo, damos por resposta a petição sobre o ladrao no mesmo monte das caveyras: *Domine, memento mei, dñe, veneris in regnum tuum*: não temos Senhor outra resposta que dar às vossas justas, & clementissimas queixas que fazeis de nós mais que pedirvos que vos lembreis de nós, usando como nosco de misericordia, antes que seamos caveyras, & por final da dor que temos de vos havermos offendido, & do proposito firme de nunca

vos offendermos, & desprezando, &
aborrecendo os enganos do mun-
do, damos por volta da letra, que
nos cantastes, misericordia, miseri-
cordia.



de

LA.

LAMENTAÇÃO

*De hum Christão arrependido no su-
ve canto do Sabe à da praya, Rou-
xinol, ou Melro do Brasil.*

PROLOGO.



S Aves, diz Santo A-
gostinho, proferem vo-
zes que parecem huma-
nas, humas aprendem a
fallar, outras sem as ensinarem fallão
como são os passaros que nesta ter-
ra cantão, dizendo clara, & distinta-
mente, bem te vi, bem te vi; outros
dizem, já he dia, já he dia; & outros,
triste dia, triste dia; mas de todas as
Aves musicas, que voaõ, & cantão

Vide-
mus e-

nim

has a-

ves, &

multa

canere

& so-

nare

quod

dam

huma-

na vo-

ce.

Aug-

lib. 1

demus

figa

H 4

por

por este emisferio, o Sabeâ da praya
he o mestre da Cappella pelo mu-
to, que arremeda o Melro, & Rou-
xinol de Portugal ; para huma la-
mentação tem linda voz, alta, agu-
da, suave, enternecida ; he passar
solitario, & penitente no canto, no
habito, na habitação: & o canto, co-
mo digo, suavemente triste, senti-
damente quebrado, ou sostenido ; a
cor das penas he parda com suas li-
tras brancas ; a habitação a mais de-
serta, & desábrida, a praya de que
toma o nome : ha outros Sabeâs que
habitão pela terra dentro nos bos-
ques, & prados amenos, & dilicio-
sos ; mas o Sabeâ da praya, como A-
nacoreta, ou Eremita mais retirado
do mundo, nas solidoens, & desem-
paros das prayas, nas inclemencias,
&

e rigores do tempo , passa a vida
 cantando, ou chorando, & por isso
 Real Profeta David vendo nas *Sicut*
 Aves do Ceo tantos exemplos de *passer*
 vida austera, & penitente, dizia que *solita*
 era passaro solitario, Ave do monte, *rius in*
 Pellicano da soledade ; dos passaros *recto.*
 mais recolletos tirava o penitente *Psal.*
 Rey retiros do mundo, abstroçoens *101. 8.*
 as creaturas ; & dos seus cantares, *Tras-*
 os prantos dos Psalmos , entendia *migra*
 que com as mesmas vozes que as *inmō-*
 Aves do Ceo cantão , louvando a *tem si-*
 Deos, choraõ lamentando o pecca- *cat*
 tor ; o que ao vulgo parece cantō , a *passer.*
 David parecia choro ; & não lhe pa- *Psal.*
 recia, mal porque de todas as musi- *10. 1.*
 as das Aves, nenhuma agrada mais *Simi-*
 Deos , como consta do livro dos *lis*
 Canticos, do que a da Rola, que he *factus*
 ge- *sum*
Pelli-
cane
solitu-
dinis.
Psal.
101. 7.

gumer, & suspirar: se a nossa alma
 diz o mesmo David, he como pass
 ro tirado do laço, se arrependida,
 agradecida quizer cantar, ou p
 ra melhor dizer, chorar, suspirar
 & lamentar, que he para Deos
 melhor cantar, faça-se Sabeà da pra
 ya; no suave, & enternecido cant
 desta retirada Ave lamente, chore
 clame, lamente as misérias desta vi
 da, chore a seus peccados, clame
 Divina misericordia, que gosta mu
 to desta musica; & se o Serafico S
 Boaventura Doutor, faz da alma
 devota filomela; hum Sabeà da pra
 ya, que he o Rouxinol do Brasil
 porque não fará a figura de hum
 alma penitente, por nos não tirar
 mos de Aves? Dos ays da Aguiã de
 Apocalypse Rainha das Aves, to
 25.7.

mãr

DE MARE AR. 123

para o metaferico Sabeà da praya
fundamento da sua lamentação,
para honra, & gloria da Ave cheya
a graça, da Senhora do Rosário,
advogada dos peccadores, consola-
ção dos affligidos, alento dos peni-
entes.

*ae, vae, vae, habitantibus inter-
ra. Apoc. 8. 13.*

AY, ay, ay, tres vezes ay, ay,
dos pensamentos, ay das pa-
vras, ay das obras que habitão na
terra de que sou composto, ay das
tres potencias d'alma, tão mal em-
pregadas nos moradores da terra,
y do entendimento perdido, ay da
ontade cega, ay da memoria de-
encaminhada, ay dos habitantes
da

da terra em que o appetite reina, & razão obedece, ay dos habitadores da terra, que se não lembraão que são terra, ay dos que vivem na terra, em que ha peccados como terra, ay sobre os ays do Ceo, pelos castigos que ameação, pelas condemnações que pronosticão; ay de nós que peccamos, diz Jeremias; ay de mim que pequey mais que todos, porque os rayos de Deos justamente irradião não cayão sobre mim, que mais que todos os mereço, ou sobre a terra em que habito por amor de mim; quero como passaro, como Sabeà da praya fazer ecos aos ays do Ceo, à vista do mar, & das areas destas prayas, quero lamentar os meus erros, chorar as minhas culpas; o mar batendo, & roncando

*Vano-
bis*

quia

pecca-

vimus

Tren.

5.16.

DE MARE AR. 125

os hombros destas areas , me está *Peccat*
 sinando , que se os meus pecca- *vi su-*
 os , são como areas , ou mais que *per na*
 areas , que só com o mar da con- *meru*
 ição os posso afogar , & consumir. *arena*
 David chorando sobre o leyto em *maris*
 ne peccou , fello nadar em lagrimas, *Eccl.*
 affim escapou a nado , chorando *Mag-*
 are de lagrimas. O' ditosas lagri- *na est*
 as, ò ditosa naveta , ò ditosa taboa *veluz*
 a qual o naufragante entra no por- *mare*
 da salvaçõ , diz Agostinho San. *cõtri-*
 , eu me contentára já que os meus *tio tua*
 hos fossem rios, mas daquelles que *Thre.*
 vantão vozes a Deos em favor dos *2 19.*
 peccadores : estes rios , pelo que de- *O fe-*
 o , & espero da Virgem do Rosa- *lix la:*
 o , que hão de sahir , & entrar por *cryma*
 quelle mar , que se compoem de *o felis*
 quinze mysterios , como de quinze *tabus*
 rios *la per*
quam
nau-
fragus
redire
potest
adpor:
tã sa-
rios

Aug. rios, para isso convocarey quin
adfra- rios dos mais celebrados na terra e
res in que habito, para que sahindo pel
cremo meus olhos, fação hum mar que po
Eleva sa desfazer os altissimos muros d
verūt areas, & peccados, que são mais qu
flumi as areas do mar, não pago com ch
na vo- rar sobre os rios da terra, heme n
cem cessario chorar os rios da terra em l
suam. grimas.

Psal.

92.

Lava-

bo per-

singu-

las no-

etes le-

ctum

meū,

& la-

crimis

meis

stratū

meum

rigabo

Psal.

6.7.

BIBERIBE.

CAPIBARIBE.

AFOGADOS.

7ANGADA.

ALGODOAIS.

POIUCA.

CERINHAE.

RIO FERMOZO.

UNA.

TA

DE MAREAR. 127

TATUA MUNHA.

CAMARAGIE.

S. ANTONIO GRANDE.

S. ANTONIO MERIM.

RIO DE S. MIGUEL.

RIO DE S. FRANCISCO.

Nata

re fa-

ciam

lectu

per a-

bunda

tiam

lacry-

maru.

Hireo.

Quasi

Rosa

plan-

tata

super

rivos

aqua-

rum.

Eccle.

39. 17

Om-

nia fle

mina

intra

in ma-

re. Ec

1. 7.

bas.

Rios sagrados, Rios mysteriosos,
or me representares os quinze rios
o mar do Rosario: Rios da terra;
de o Ceo ameça com os ays do
pocalypse: Rios fermosos, Rios
tudalosos, correy, correy pelos o-
ros, o vosso correr seja o meu cho-
r, o vosso murmurar, o meu ge-
er, & suspirar; correy pelos meus
lhos para o mar do Rosario, para
ue esta barquinha, esta alma pecca-
ora tenha marè de Rosas, chegue a
alvamento; mas ay que não sey se
bas.

Super bastarão tantos Rios para desafogar
Humi de tantos ays; não sey se o meu pranto
na Ba to será mar que cubra as areas ; não
bylo- sey se as lagrimas vencerão as culpas
nis il- não he sem dor este ay ; nam he sem
lic se- causa esta dor, porque não vejo, não
dimus acho, não leyo com quem me posso
& fle- comparar ; se busca o primeiro pec-
vimus cador do mundo, acho nelle cem an-
Psal. nos de penitencia por hum só pec-
 cado, & em mim não se achará hum
 dia, nem huma hora de verdadeyra
 penitencia por milhares de milhares
 de peccados ; se me lembro de Da-
 vid peccador , corromo de não ser
 como David arrependido ; se trago
 à memoria as fraquezas de Pedro,
 confundome com as amarguras do
 seu pranto ; se olho para a peccado-
 ra do Evangelho, & viro sobre mim,

vejo

vejo os seus escandalos em mim, &
 am vejo nella arrependimentos
 meus: se differ que fuy como o pro-
 digio na relaxação da vida, direy
 bem; mas prodigo reduzido, prodi-
 go emendado, com que verdade o
 hey de dizer? A mais certa verdade
 he, ser eu hum peccador tão singular,
 que no dia do juizo se verá, que, ou
 no numero, ou nas circumstancias
 dos peccados, ninguem me chega a
 igualar, & como de mim tenho este
 conceito, cuido que quantos mares,
 & rios ha no mundo, não bastaõ pa-
 ra darem a agoa que haõ mister os
 meus olhos, para chorarem culpas,
 que por não escandalizar callo, por
 não causar horror às creaturas ain-
 da insensiveis, & irracionaes, as nam
 especifico, as não declaro. O meu

Impm
quasi
mara
fer-
uens!
Isai.
57. 20
Mira
biles
elatio-
nes
maris!
mira-
bilis
inaltis
Domi-
nus.
Psal.
92. 24

*clemē-
tiam.*

*Chry.
hom.*

*depe-
nit.*

Propā

*zer no-
men*

uum

*propi-
tiabe-
ris*

*pecca-
to meo*

*mul-
tū est*

anim.

*Psal.
24.12.*

Ve, ve

*ve ha-
bitan-
tibus*

*in ter-
ra.*

*Apoc.
8.15.*

a quantidade, & qualidade dos pec-
cados que perdoareis ; que gran-
de, & admiravel será o vosso nome,
pelo perdão dos meus peccados!
Ninguem vos pôde dar mayor no-
me do que eu , porque assim como
de mim fostes mais offendido que de
todos os mais peccadores , pela in-
dulgencia , & remissam dos meus
peccados sereis mais conhecido,
& louvado , quanto mais me per-
doares, mais santificado será o vosso
nome, mais glorificado, & applau-
dida a vossa misericordia no Ceo ; &
na terra.

Dos meus ays , dos meus peza-
res , das minhas contrições, quero
passar às de todos os habitantes da
terra , sobre que estão cahindo os
ays da Escripura , a lamentação naõ

he

DE MAREAR. 135

e sô para os peccados particulares,
 tambem se entende, por amor, &
 charidade, aos dos povos peccado-
 es; & já por peccados castigados. *Vetiz*
 eremias lamentando a Jerusale^m, *bi Je-*
 va ays, com bem de lagrimas: Ay *rusale*
 de ti Jerusale^m, sem eu ser Profeta *Serm.*
 do futuro, mais que testemunha, &
 complice do tempo passado, & pre-
 sente, posso lamentar; & dizer por
 esta terra, o que a Aguiado Apo-
 calypse pôde dizer por toda a terra,
 posso no canto, ou choro do Sabeà *Va, va,*
 da praya clamar, Ay ay, dos que *va ha-*
 morão nesta terra, ay de ti Olinda, *bitan-*
 ay de ti Recife, ay de todo o Per- *tibus*
 nambuco: a estes ays, ou eus que cã- *in ter-*
 ão; ou chorão os Sabeàs da praya *ra.*
 por estas trezentas legoas de costa, *Apoc.*
 não attendem, nem entendem os *8. 12.*

go, & refinado tormento, quereis
 que seja vosso amigo, quereis que
 entre na vossa gloria. O' misericor-
 dias do Altissimo, quem mais pude-
 ra explicar, & agradecer? Por isso
 David quer que as vossas misericor-
 dias estejam sublimadas sobre toda
 as vossas obras infinitas, eternas, in-
 comprehensiveis: à vista pois do que
 leyo, & experimento nas vossas inef-
 faveis piedades, tomo alentos, vi-
 114.9 tome de confiança, & armome com
 aquella razão do lume da Igreja S.
 Agostinho. Vós Senhor sois bom, &
 eu sou máo, & ainda que sou muyto
 máo, vós infinitamente mais bom
 & supposto que por peccador sin-
 gular mereça todos os rigores da
 vossa justiça, nam desmereço, po-
 arrependido, todos os favores da
 vos

*Mise-
 ratio-
 nes e-
 jus
 saper
 omnia
 opera
 ejus.
 Psal.*

vossa misericordia: eu sey que com
 erem tantas, & tão feas as minhas
 culpas, arespeyto da vossa misericor-
 dia são como huma faisca lançada no
 mar; com que me resolvo a pedirvos
 que me nam perdoeis por amor de
 mim, senão por amor de vós; & enfi-
 noume a fazer esta petição o vosso
 servo David, o homem do vosso co-
 ração. Por amor de vosso nome, diz
 elle perdoareis o meu peccado, por-
 que he muyto como se o muyto pec-
 cado vos desse muyto nome na opi-
 niaõ dos homens: assim he; porque
 o perdoar faz ser mayor Principe do
 que o castigar: porque o meu pec-
 cado he muyto mais que o muyto de
 David, vos peço, Senhor, me per-
 doeis por amor do vosso nome; se o
 vosso nome ha de crescer conforme

Cogi-
tasscintil-
lam siinma-
re cecderit
numpote-
rit sta

re, aut

appa-
rerequan-
tumscin-
tillaad ma-
re se

habet

tantu
homi-nis
mali-tia ad
Dei

Doutor Santo Agostinho, nos li-
 vros das suas Confissoens diz que na
 sua mocidade fervêra em peccados,
 segundo o impeto de seus vicios; elle
 ferveria como marê, mas eu como
 mar, & no mar alto dos meus pecca-
 dos. Ah Senhor, & Deos meu, que
 admiraveis forão as vossas misericor-
 dias! quando sem conta, sem pezo, &
 sem medida vos offendia, me não fal-
 taveis com os alimentos da vida, &
 auxilios da graça; quando como se
 tivera rematado contas com o Ceo
 me gloriava, & jactava do mal que
 fazia; quando era taõ maligno, que
 não tinha outra causa para peccar
 mais que a mesma malicia; quando
 finalmente me enganava a mim
 mesmo com pretextos falsos; com
 dilacão do castigo, confiança na mi-
 sericórdia.

Qui
 latet-
 tur.

Cum
 male-
 fece-
 runt,

& ex-
 ultat
 in re-
 bus

pesti-
 mis.

Prov.

cap. 2.

feri

DE MARRER. 131
ericordia, facilidade do remedio,
andava á profia o meu peccado com
o vosso amor, andavaõ em compe-
tencia as minhas culpas com as vossas
finezas, os vossos benefícios com
as minhas ingraticoes: valeome Se-
nhor nesse tempo, não ser o meu
peccado como a vossa graça, ser ma-
yor a vossa clemencia, do que a mi-
nha rebelliaõ; porêm agora que al-
lumiado da vossa graça, vejo que
aceitais por filho hum escravo de
Lucifer, & pondez à vossa mesa a
quem era digno de remar na galè
do inferno ha muytos annos; agora
que conheço a minha maldade, a mi-
nha cegueyra, agora que alcanço,
que me merecia estar no mais infam-
me, & doloroso lugar do mundo, &
no outro mundo, no mais accezo fo-

passageyros, que não tem lembrança
 dos successos passados, nem provi-
 dencia dos futuros; mas eu que co-
 mo passaro solitario cuydo nos meus
 peccados, & temo os castigos de
 Deos, bem entendo que os tonilhos
 dos Sabeàs são ays doces, avisos es-
 pertadores da Divina Misericór-
 dia: aquelle assoviar tão sentido, são
 ays, & gemidos, aquelle dobrar tão
 sutil, & acelerado, que he senar
 dobrar suspiros, multiplicar as la-
 mentações? Ay de ti (dizem os Sa-
 beàs la pela sua lingua, & pela sua
 solfa) ay de ti Olinda, não eras tu
 antiguamente hum a Lisboa peque-
 na, hum a Jerusaleem pintada, hum a
 Babylonia abreviada? mas por pec-
 cados dos teus moradores, foi
 destruida, & abrazada depoi-
 de

DE MAREAR. 137

e vinte , & quatro annos de cati-
 eyro de Olanda , não desfazendo
 o valor dos Pernambucanos, fos-
 es milagrosamente restaurada ; &
 porque no espaço de quarenta , &
 lous annos da restauração , se não
 restaurou até agora aquella ferino-
 ura, aquella gloria , opulencia, co-
 mercial , concurso que dantes tinhas,
 porque tendo o nome de Olinda, es-
 tás ainda tão feya , & afeada: digo *Peccat*
 com as ruínas , que ainda senão res- *um*
 tauráraõ ; o certo he que por pec- *pecca-*
 cados fostes destruida , por amor dos *viu Je-*
 mesmos peccados passados , & pre- *rusalẽ,*
 sentes, não es reedificada. Peccou Je- *prop-*
 rusalem, diz Jeremias, por isso tem ti- *terea*
 do tantas mudanças , tantas destrui *insta-*
 ções , & castigos , sem tornar ao que *bilis*
 dantes era até o presente tempo: *facta*
 não *est.*
 1. 8.

mão esquerda na fortaleza de Ta-
 mandarè? o ventre sam as Fregue-
 sias, & Certões de Cerinhae: como
 ção as canas atè as Alagoas, no Ri-
 de S. Francisco estão os pés; a este
 egnimatico corpo, & mystica esta-
 tua tem atirado muytas pedradas
 Ceo; & com Pernambuco neste
 calamitosos tempos ter descahido
 muyto dos seus brios, ainda não ca-
 hio de todo, porque Deos he de
 tanta misericordia, que desfinular
 do, & esperando pela penitencia
 dilata o castigo, permitindo tre-
 goas, para se procurar a paz, ou ju-
 tificando a sua ira, para dar a ult-
 ma bataria: como na estatua Per-
 nambucana ainda ha fantesias lou-
 cas, cegueyras incuraveis, dureza
 impenetraveis: quem lendo a E-

Diffi-
mulas
pecca-
ra ho-
minu
prop-
ter pe
xiten-
tiam.
Sap.

31.44

criptu

itura, & reparando nos castigos ^{dit ce-}
 ntecedentes desta fatal terra, nam ^{cidie}
 temerá que tenha o fim na realida- ^{Baby-}
 e, que teve em sonhos a estatua de ^{lon-}
 Nabuco? Quem não temerá que ca- ^{mag-}
 a toda em pezo esta Babylonia pe- ^{na. A-}
 quena, como cahio a grande? Quem ^{pocal.}
 não temerá que venha outro fogo ^{18.2-}
 mayor que o do mal passado, que a- ^{Igitur}
 praze, & consuma a todas estas Ca- ^{Domi-}
 bitanias, como abrazou, & soverteo ^{nus}
 as Cidades de Pentapoli? Sabendo ^{pluit}
 o Profeta Ezechiél, que Deos que ^{super}
 ia destruir, & aniquilar o povo de ^{Sodo-}
 Israel, pediolhe Deos com os ays, ^{mam,}
 & eus, não extinguisse as reliquias ^{& Ge-}
 de Israel. Respondeo lhe Deos, que ^{mor-}
 não tinha lugar a sua petição, por- ^{rhum}
 que a maldade daquelle povo era ^{sul-}
 muyto grande: se Pernambuco he ^{plour}
 ainda ^{& igne}
^{à Do-}
^{mino}
^{de Ca-}
^{lo Ge.}
^{19.24}
^{Cla-}
^{mans}
^{ais}

triumphantes pelas ruas de noyte
 como ainda ha usuras, & trapassas, ti
 rãrias com os escravos, odios com
 os proximos, restituções dilatadas
 murmuraçoens gravissimas, como a
 inda ha Medeas, & Circes encanta
 doras, Ay, ay, ay, diz a mysteriosa
 Aguia do Apocalypse, sobre o
 moradores da terra, que nem com
 avisos, nem com castigos se emen
 daõ: ay que já os castigos, & as pra
 gas são mais que os ays: ay do Reci
 fe, que com huma grande marê d
 agoas vivas pòde ficar debayxo d
 mar seu visinho, como ficou debay
 xo do mar Vermelho o melhor d
 Egypto: ay do Recife, que com
 está sobre area, pòde ter a ruin
 que Christo diz da casa fundada so
 bre area: ay do Recife, que se pòde

*Que
 desi-
 cavit
 domū
 suam
 super
 arenā,
 & fuit
 ruina
 illius
 ma-
 gna.
 Matt.
 7.28.*

sover

converter, como Ninive se havia de
 converter, se os Ninivitas não fize-
 ão a penitencia que os Recifenses
 não fazem; mas como os ays do Ceo
 ameaçaõ a toda a terra, a todo o cor-
 po de Pernambuco, todos podem
 temer que caya de todo este colosso
 presumido, esta estatua já he de Per-
 nambuco, hum vestissimo corpo,
 tem a cabeça na Cidade; o que lhe
 fica para traz, são os cabellos; da Ci-
 dade começa a garganta até a barra
 do Recife, que he o gurgumillo,
 bem estreito, & perigoso; os peytos
 formão-se da praça do Recife, & da
 banda de Santo Antonio hum braço
 vai por Iguaraçu goyana, a fechar a
 mão na fortaleza de Itamaracà; es-
 tende-se o outro braço pelas Curcu-
 ranas, cabo de S. Agostinho, com a
 mão

*Va, vè
 va ha-
 bitan-
 tibus
 in ter-
 ra.*

não menos de cinco mudanças, cinco castigos, ou pragas tem padecido Pernambuco, a guerra de Olandez, a guerra dos Palmares, primeira e segunda bexigas, & muito mal contagioso, a fome de farinha, isto por tempos interporlados entre huma, & outra praga; porque se Deos com largo sofrimento acredita a sua misericordia, depois com rigorosos castigos acode pela sua justiça; & nesses castigos, he para reparar, que antes de ver o castigo madrugavão os avisos; antes de vir o Olandez a tomar a terra, não falláraõ profecias; antes de vir o mal do contagio, bem se prègou, & bem se ameaçou a terra da parte de Deos nas Pernambuco naquelle tempo como Pharaó duro; & temerario

Quis est

Dominus

mus ut

audia

vocem

ejus?

Exod.

3.2.

DE MAREAR. 139

murmurava, & mofava da palavra
 e Deos; pois por isso a terra de Per-
 ambuco foy castigada com pragas
 o Ceo, como a terra do Egypto,
 vendimada, de que ainda ha rabif-
 os, como Jerufalem: tantas vidas
 endimou o mal, que se pòde dizer
 ue està o Recife vivo sobre o Reci-
 e morto, & comter o Recife vivo
 ntos mortos debayxo de fi, cuyda
 ue por escapar daquella mortan-
 ade, he immortal; vay continuando
 os peccados, porque foy castigado,
 cego delles, não se lembra da
 ortalidade do corpo, nem da im-
 ortalidade da alma, & como ainda
 inaõ os vicios, & triumphão os ef-
 andalos, que provocâraõ a ira de
 eos, os escandalos que nas ves-
 eras do mal andavão em carros
 trium-

*Ingra-
 vatū
 est cor
 Pha-
 raonis
 Exod.
 7.13.
 Vinde
 mia-
 vit me
 ut lo-
 cutus
 est Do-
 minus
 in die
 furo-
 ris fui
 Thre.
 1.2.*

heu,
heu,
heu
Domine
ne
Deus:
ergone
perdes
omnes
reli-
quias
Israel.
Et di-
xit ad
me:
Iniqui
tas do-
mus
Israel,
& Ju-
da
magna
est ni-
mis.
Ezech
9.9.
Dimit
te me

ainda tão máo como dantes, se ait
 da persevera naquellas culpas, po
 que foy já castigado quem se ha d
 atrevera orar por elle? quem ha d
 pedir a Deos, que senão consuma
 as reliquias de Pernambuco? Sò hu
 Moyses lhe podêra valer como va
 leo ao mesmo povo de Israel, que
 rendo-o Deos destruir. Senhor, d
 zia Moyses, porque haveis de de
 truir hum povo que livrastes do ca
 tiveyro do Egypto com tantas ma
 ravilhas? A sombra, & a imitação d
 tam grande orador, dayme Senho
 licença para encostar aos embargo
 de Moyses humilde, esta oraçãõ: i
 que livrastes a Pernambuco do ca
 tiveyro de Olanda com o vosso po
 derofo braço, como livrastes o vo
 so povo do cativeyro de Egypto; i
 qu

que Pernambuco escapou de tantos cal-
 igos por empenho da vossa misericor-
 dia, não permitais que chegue a ex-
 perimentar os ultimos rigores da vossa
 justiça, manday embainhar a espada,
 digo retirar as settas, mandai quebrar,
 & abraçar todos os instrumentos dos
 castigos, que esta terra confessa mere-
 cer; ò cessem já, cessem os ays da Aguiã,
 com os contra ays da Rola, com os ge-
 midos dos arrependidos, & emenda-
 dos; aplaquem-se os rayos do Ceo com
 as contrições da terra, minguese a vos-
 sa justiça com a vossa misericordia: f-
 Ezechiel vos não pode obrigar a desfil-
 tir do castigo das reliquias de Israel;
 Joel vos obrigará a que perdoeis ao
 povo de Pernambuco, só por huma
 razão, só por huma palavra, porque he
 vosso povo. Perdoay ao vosso povo,

K

per-

ut ira
 catur
 furor
 meus,
 & de-
 leam
 eos.

Exod.
22.

Cur

Domi

ne ira

citur

furor

ius

contr.

popu-

lum

ruun

quen

edux

sti de

terra

Ag

prii

forti

ind

nis,

& i

manu
robust
a?
Exod.
12. 11
ar-
luz
ontes-
et, &
on.
rin-
et ar-
ia, &
nta
ma-
res
ni.
tal.
i.
i.
arce
omi
par-
po-
lo
a.
nel.
z.

perdoay Senhor, diz o Propheta Joel
perdoay ao vosso povo: se o povo de Is-
rael era vosso, por ter o vossa Fé; o po-
vo der Pernambuco he muito vosso pe-
la valentia, pela fineza, pela constan-
cia da Fé que sustentou debaxo do po-
der, & tyrânia de Hereges, & Judeos,
foy taõ puro, taõ leal, & constante este
povo de Pernambuco na Fé Catholica,
que no espaço de vinte, & quatro an-
nos de seu cativeyro, nunca a deprava-
da heresia, nem o cego judaismo lha
pode tirar, tirando-lhe as terras, as fazê-
das, as vidas, & as honras, tiranizando,
& frigindo a muytos Portuguezes pois
hum povo como este, tanto vosso pela
firmissima constancia da sua Christan-
dade, não he bem (diria Moyfes, se por
elle orasse) que se destrua, que se ani-
quile, se não que se lhe perdoe, como

perdoe

ede Joel, por ser hum povo tanto vof-
o: *Populo tuo*: & povo que depois q' o
endes affligido, & humilhado com tã-
os signaes, & castigos, alguma emenda
mostrater porque já senão fazem tan-
os homicidios, já não são tão baratas
as mortes violentas, & treçoens, como
lâtes eraõ; as occasiões sensuaes, algu-
nas se tem evitado, a justiça he mais
espeitada, & temida, a virtude mais fa-
vorecida, o vicio estranhado, a malicia
reprovada, a Oração Mental conhecida,
da, & em algumas partes introduzida,
á para gloria vossa, & bem das almas,
vemos os Sacramentos da Igreja mais
frequentados, a palavra de Deos me-
hor ouvida, o culto divino muito aug-
mentado, & nessa praça do Recife, on-
de mais se empregão as balas da vossa
ra, campanha mais combatida dos cas-

tigos do Ceo, se fazem muitas esmolas
& obras pias, & se gasta muita fazendo
no vosso serviço: pois Senhor, porqu
não haõ de cessar os castigos, quando
em parte cessaõ as culpas? Porque haõ
de ameaçar os ays do Ceo, aos que dão
ays ao Ceo, aos que dão ays de arrepe
didos? Porque se ha de destruir, & ani
quilar hum povo tanto vosso, hũa ter
rataõ leal como Portuguesa; taõ fiel
& Catholica? Se me differem que o
peccados são grandes, mayores são o
poderes da vossa graça, como diz o vos
so Apostolo Paulo, mayores as vossas
Misericordias, q̃as vossas iras: Pay da
misericordias, & Deos de toda a conso
lação, concedeinos que arrependidos,
& emendados, possamos cantar, como
cantou Moyse com o vosso povo, co
mo cantou Debora com Barac, Judic

om os de Betulia, as vossas misericor-
 dias, que cantemos, & choremos com
 os Sabeás da praya os peccados pro-
 prios, & alheyos, particularés, & com-
 uns da terra que habitamos, para que
 ivres dos ays do Apocalypse, gemen-
 do, & chorando neste valle de lagrimas
 nos mostre a Jesu a Máy de misericor-
 dia, nos meta no Ceo a advogada dos
 peccadores, pelos merecimentos do seu
 Santissimo Rosario. Amen.

*Ubi
 abunda-
 via
 deli-
 ctum
 super-
 abunda-
 via
 & gratia.*

*Rom.
 5.20*

Acto de Contrição.

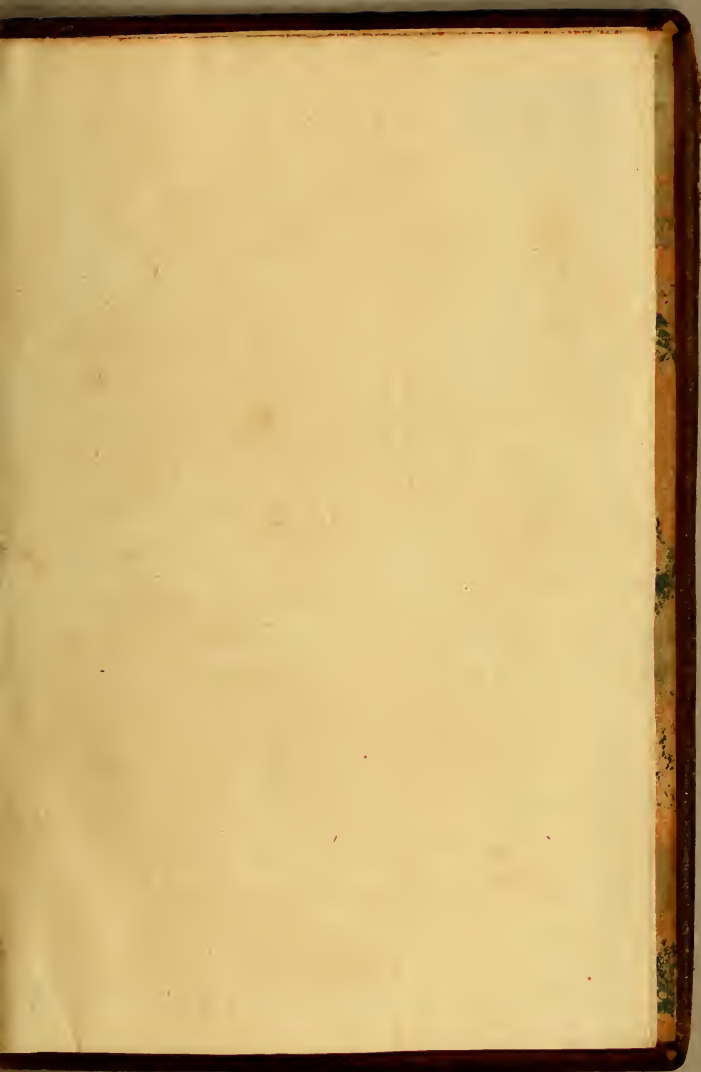
MEu Deos, & meu Senhor, Pay
 da minha alma, & Senhor do
 meu coração, a quem tanto offendi, sem
 desculpa, sem pejo, sem ignorancia, &
 sem temor tanto Senhor vos tenho of-
 fendido por pensamentos, palavras, &
 obras, que excede a todo algarismo o

numero, & a variedade, & enormidad
dos meus peccados, são mais que as a
reas, & que os atomos do Sol: peque
meu Deos de tal calidade, que fiz mu
tas vezes da culpa gala, da offensa ido
lo, da torpeza costume, da perdição
gosto, do peccado vida; mas quão m
peza agora mais me peza de seres vós
offendido, do que ser eutão prejudica
do mais sinto a ingratidão, que o casti
go, mais me afflige a vossa, offensa, que
o meu inferno, & com todo este pezar
receyo que mais peze a balança das cul
pas, que a dos pezares: alma, & cora
ção, olhos boca, que esperais? tive al
ma, mas que alma tive? para a entregar
ao Demonio, & agora não tenho alma,
nem consciencia, para atirar do seu po
der, tive olhos para peccar, & não te
nho olhos para chorar; tive boca para

s offensas , & não tenho lingua para
remedios ; tive coração para aggravar a
vossa bondade , & não tenho coração
para sentir tão enormes aggravos. Oh
Deos da minha alma do meu coração,
& dos meus olhos ; eu bem quizeria que
a pólvora de minhas culpas , applica-
do o fogo da minha dor , estalasse este
penhasco , arrebentasse esta mina ; bem
sonhára ter hum pezar , huma pena ta-
manha como a vossa misericordia ; mas
onde irei buscar fontes para os olhos,
amarguras para o coração , lavatorio
para a alma senão no immenso mar da
vossa misericordia ; que he a Aguia que
me traz a vossos pès , & a que me faz re-
parar que tendes tantas fontes abertas
tantas entradas , & portas francas para
todo o peccador , quantas são as chagas
de meu Senhor Jesu Christo, pois o co-
ral

ral derretido de tão precioso Sãgue
de permittir q se condene hum Chri
tam, q propoem com vossa graça em
dar a vida, confessar culpas, perdo
aggravos, restituir, viver, & morrer
vossa Fé? Remato Senhor o meu pez
com tres nòs cegos do crer, esperar,
amar: creyo que a vossa misericordia
mayor q toda a miseria humana: espe
de me salvar na morte, & Payxaõ
meu Senhor Jẽsu Christo: amo vos m
Deos, & Senhor sobre todas as cousa
porq me peza, como vòs sabeis, de v
nã ter amado como devia; & con
creyo em hũ Deos verdadeiro, como
pero em hũ Senhor tão fiel, & poderos
como amo a hũ Pay tão pio, & amõr
so, nã pòde faltar a sua misericordia
minha fé, nẽ a sua promessa à minha e
perãça, nẽ a sua graça à minha cõtriga

FINIS, LAUS DEO.





CAG98
A635C





